

Israel Belo de Azevedo



Fazendo a Figueira Florescer



Prazer da Palavra
Editora

Israel Belo de Azevedo

FAZENDO A FIGUEIRA FLORESCER

13 Sermões de

ISRAEL BELO DE AZEVEDO

Israel Belo de Azevedo

Volume 1 (1997-1999)

RIO DE JANEIRO

EDITORA PRAZER DA PALAVRA

2009

1. CONVITE AO CHORO (Mateus 5.4)
2. O EXÉRCITO DE UMA PESSOA (Ezequiel 22.23-31)
3. QUEM INFLUENCIA QUEM? (Salmo 1)
4. TORNANDO VIVOS OS OSSOS SECOS (Ezequiel 37.1-14)
5. UM NOME E UM LOUVOR (Sofonias 3)
6. CHEIROS (Filipenses 4.10-20)
7. CHEIROS, AINDA (2 Coríntios 2.14-17)
8. DIMINUIR PARA MULTIPLICAR (2 Coríntios 9.6-15)
9. FALTA-LHE A CRUZ (Mateus 10.32-39)
10. FAZENDO A FIGUEIRA FLORESCER (Habacuque 3.17-19)

11. ENTRE A DOCTRINA E A VIDA (Provérbios 9.10)
12. EM BUSCA DA FELIZ IDADE (2Timóteo 4.6-18)
13. QUEM PRODUZ O MAL? (Isaías 45.7)

1

CONVITE AO CHORO

(Mateus 5.4)

"Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados". (Mateus 5.4)

Israel Belo de Azevedo

Qual foi a última vez que você chorou? A minha foi aqui, sentado naquele banco, quando recebemos a notícia de que nosso então pastor tinha preferido o ínvio caminho do pecado. Muitos de nós choramos.

O choro faz parte da condição humana e só não existirá depois da morte, quando Deus enxugará todas as lágrimas humanas (Apocalipse 7.17). A história bíblica é uma demonstração desta verdade.

Choramos de alegria por algum reencontro, como nos casos da reconciliação entre Jacó e Esaú (Gênesis 33.4) ou entre José e seus irmãos (Gênesis 42.24; 43.30; 45.2,14; 46.29; 50.1,17), ou por se estar fazendo a

obra de Deus (Salmo 126.5,6). Este tipo de choro é excepcional e não precisa de consolo.

Choramos de tristeza, pela perda de alguém, como Abraão em relação a Sara (Gênesis 23.2), como Davi em relação a Jônatas (2Samuel 1.26) e a tantas outras perdas, pois ninguém chorou tanto na Bíblia quanto Davi (1Samuel 20.41, 2Samuel 1.17; 3.32; 13.36; 15.23,30; 18.33), e como Jesus diante do túmulo do seu grande amigo Lázaro (João 11.35).

Choramos de amargura diante de uma derrota, como Ana que não conseguia engravidar (1Samuel 1.7), ou de um engano, como Esaú ao descobrir que fora enganado pelo irmão (Gênesis 27.38).

Choramos de pesar diante de uma realidade que nos soa trágica, como Neemias diante da destruição do seu país (Neemias 1.4) ou de Jesus diante do pecado de Jerusalém (Lucas 19.41).

Choramos como resultado de um ato de contrição diante de Deus, como Ezequias à beira da morte (2Reis 20.3; Is. 38.3), como Pedro diante do

reconhecimento do pecado de ter traído a confiança do seu Senhor (Mateus 26.75; Marcos 14.72; Lucas 22.62).

Será que todos estes que choraram foram consolados? Nem todos. Esaú, por exemplo, chorou e não foi consolado, porque a amargura tornou-o cego para o amor de Deus. O choro de remorso (como o de Judas) não é consolado.

Nem todo choro é bem-aventurado porque nem todo choro será consolado. O que quer dizer, afinal, esta bênção?

Nela há algo do consolo de Deus aos que sofrem, mas não nos parece que os que assim chora(ra)m sejam bem-aventurados.

Que choro será consolado?

SERÃO CONSOLIDOS OS QUE CHORAM DIANTE DA BELEZA DA MENSAGEM DE JESUS.

Possivelmente quando Jesus proferia suas bem-aventuranças o povo chorava diante de tanta profundidade, seja em termos de sabedoria de vida, seja pela revolução de vida proposta. Ele falava e o povo chorava. Aquelas

lágrimas eram bem-aventuradas que produziram um novo estilo de vida. Sem espera por um messias (Deus), sem medo de presente, sem medo do futuro, com um sentido para a existência.

SERÃO CONSOLIDADOS OS QUE CHORAM DIANTE DA MAJESTADE DE DEUS.

A Bíblia registra vários episódios de pessoas que se encontraram com Deus e tiveram a sensação de que iriam morrer, tamanha a glória sentida. É assim até hoje que devemos vê-lo, conquanto a glória tenha se transformado em graça. Não podemos banalizar Deus.

Maria foi abençoada por chorou aos pés de Jesus, como reconhecimento do senhorio dele sobre a sua vida (Lucas 7.38).

**SERÃO CONSOLIDADOS OS QUE CHORAM POR NÃO CONSEGUIREM
ALCANÇAR OS PADRÕES DO REINO DE DEUS.**

Imaginemos o público palestino ali ouvindo os alvos de Deus para suas vidas e as pessoas chorando por estarem longe daquelas verdades. Aquele choro seria consolado.

O choro bem-aventurado é o choro de tristeza de quem não vê o

Reino de Deus se realizando por causa da maldade dos homens.

SERÃO CONSOLIDADOS OS QUE CHORAM DE ARREPENDIMENTO DIANTE DO PRÓPRIO PECADO.

O Reino não se realiza por causa do pecado dos homens. Quando eu me filio a este grupo e também me vejo pecador, só me resta chorar de arrependimento.

O arrependimento não é uma atitude negativa, de negação do pecado, de recusa à vida no pecado, mas é uma disposição positiva para uma volta a Deus.

Podemos pensar em dois tempos para o arrependimento. O primeiro é o arrependimento primordial: aquele de tomar uma decisão radical por Deus, depois da percepção do nosso carecimento fundamental, o da sua graça. Há muitos aqui que já fizeram esta escolha.

O segundo tempo é o arrependimento cotidiano, que se celebra a cada dia, a cada consciência de pecado cometido. Podemos pensar naqueles

que, alcançados pela graça, vivem uma vida dupla (sem pureza como um propósito, acostumado na duplicidade) ou uma vida relaxada (sem alvos na vida).

Se você ainda não fez uma opção por Deus, arrependa-se. Disponha-se para uma nova vida, não mais sozinho, mas agora com Cristo para sempre. Quando você o fizer, lágrimas verterão de seu coração. Estas lágrimas serão consoladas. O profeta Joel nos diz como devemos ir a Deus: “Convertei-vos de todo o vosso coração, e isso com jejuns, com choro e com pranto” (Joel 2.12).

Se você já fez, veja seja leve uma vida dupla ou relaxada e chore. Seu choro será bem-aventurado.

Quando nada mais parece adiantar, a gente senta no chão e chora. Quem faz assim é porque resolveu desistir de lutar sozinho, reconhece que não adianta mais e aceita a mão de Deus. Arrepende-se, no fundo, é descansar em Deus.

Cuidado com o medo de chorar, como se isto não fosse para os fortes
e para os racionais.

Cuidado com a cultura do choro (carpeideiras, choradeiras
profissionais). Os que choram por qualquer coisa.

Choremos diante da beleza da mensagem de Jesus.

Choremos diante da majestade de Deus.

Choremos por não conseguirmos alcançar os padrões do Reino de
Deus.

Choremos de arrependimento diante do nosso pecado e dos nossos pecados.

Se não chorarmos, seremos escravos de nós mesmos. Se chorarmos, seremos consolados.

Israel Belo de Azevedo

2

O EXÉRCITO DE UMA PESSOA

(Ezequiel 22.23-31)

"De novo a palavra do Senhor veio a mim. Disse ele:

"Filho do homem, diga a esta terra: Você é uma terra que não tem tido chuva nem aguaceiros no dia da ira.

Israel Belo de Azevedo

Há nela uma conspiração de seus príncipes como um leão que ruga
ao despedaçar sua presa; devoram pessoas, apanham tesouros e objetos
preciosos e fazem muitas viúvas.

Seus sacerdotes cometem violência contra a minha lei e profanam
minhas ofertas sagradas; não fazem distinção entre o sagrado e o comum;
ensinam que não existe nenhuma diferença entre o puro e o impuro; e
fecham os olhos quanto à guarda dos meus sábados, de maneira que sou
desonrado no meio deles.

Seus oficiais são como lobos que despedaçam suas presas; derramam sangue e matam gente para obter ganhos injustos.

Seus profetas disfarçam esses feitos enganando o povo com visões falsas e adivinhações mentirosas. Dizem: 'Assim diz o Soberano, o Senhor', quando o Senhor não falou.

O povo da terra pratica extorsão e comete roubos; oprime os pobres e os necessitados e maltrata os estrangeiros, negando-lhes justiça.

“Procurei entre eles um homem que erguesse o muro e se pusesse na brecha diante de mim e em favor desta terra, para que eu não a destruísse, mas não encontrei nenhum.

Por isso derramarei a minha ira sobre eles e os consumirei com o meu grande furor; sofrerão as conseqüências de tudo o que fizeram. Palavra do Soberano, o Senhor”. (Ezequiel 22-21:30)

Quando uma pessoa se coloca diante` de Deus torna-se um verdadeiro exército, mesmo que composto apenas por ela. Seu poder não advém das armas, como nos casos das forças policiais e armadas; seu poder

advém precisamente do fato de ter se colocado diante de Deus. Essa pessoa pode muito em suas lutas, exatamente porque sua força não é própria. Por isto, ela pode enfrentar o mundo todo e vencer.

A idéia de um exército de um homem só está bem presente na literatura, desde a Odisséia, de Ulisses, até o romance, com este título, do brasileiro Moacyr Scliar, passando pelo Sancho Panha, de Cervantes.

De certo modo, temos o tema na experiência dos profetas. Elias e Jeremias, por exemplo, enfrentaram governos inteiros. Ezequiel tipifica esta

possibilidade, ao dizer que Deus busca uma pessoa para se colocar na brecha entre ele e o seu povo.

SÍNTESE DO TEXTO

Ezequiel vivia no exílio na Babilônia, onde profetizou durante 22 anos, no século 6º antes de Cristo. Ele foi contemporâneo de Jeremias, que pregava aos que tinham ficado na Palestina. Por essa época também, Daniel começava seu ministério na corte imperial.

As mensagens dos primeiros 24 capítulos foram proferidas antes da queda de Jerusalém, como uma advertência do que poderia acontecer por causa do pecado do povo, pecado que o levaria ao cativeiro.

O profeta mostra que o povo, mesmo depois de tanta experiência de pecado e sofrimento, ainda não se purificara diante de Deus (verso 24a). Por esta razão, ainda não experimentara o consolo (chuva na hora da desolação – verso 24b).

Todo o povo, desde o povoão a seus líderes (governantes, sacerdotes e profetas) viviam conforme suas próprias leis e não segundo as de Deus.

Por isto, seus profetas, em lugar de cuidar das almas, devoravam-nas (verso 25) e lhes ofereciam falsas mensagens como se fossem verdades vindas de Deus (verso 28). Seus sacerdotes, em lugar de interceder pelo povo, profanavam os santos símbolos de Deus (verso 26). Seus governantes só pensam em ficar ricos (verso 27). Perdidão, o povo ia no mesmo caminho, fazendo contra seus irmãos aquilo de que também era vítima: extorquindo, roubando e praticando toda sorte de injustiça contra os pobres (verso 29).

O desejo de Deus era ver este povo (povão e líderes) convertido dos seus maus caminhos. Para isto, precisava de uma pessoa, apenas de uma pessoa, de uma pessoa disposta a reparar o muro arrebitado e ficar na

passagem (brecha) intercedendo pelo povo. Não achou nenhum (verso 30), como vemos também ao tempo de Isaías (Isaías 59.16). Por isto, sobreveio a desolação sobre o povo (verso 31).

A BUSCA DE DEUS

Esta profecia de Ezequiel (22.23-31) mostra que Deus está à procura de uma pessoa digna de ficar em pé diante dele. Jeremias (Jeremias 5.1) fala do mesmo tipo de pesquisa.

Esperamos que, olhando para nós, ele nos veja dignos. É com pessoas assim que Deus faz sua obra no mundo. A mensagem de Ezequiel foi para os líderes e para o povo em geral. Ele buscava uma pessoa entre os líderes e entre o povo.

Deus está chamando servos interessados em consertar os muros derrubados da igreja e em se colocar na brecha. Estar na brecha é procurar a orientação de Deus, a favor do povo e contra o inimigo que está entre nós. Deus não tolera o pecado e iniquidade entre nós. Por isto, exige arrependimento e purificação.

O muro é a linha de demarcação entre a santidade e o pecado. O muro derrubado precisa ser reparado. Deus nos quer reparando este muro. Se estiver derrubado, não saberemos viver em santidade. Este é um grande problema: uma falta de linha demarcatória. A falta desta linha nos impede de entender o que é profano do que é sagrado, o baixo do que é alto, etc.

Deus nos quer na brecha do muro para interceder pelo povo, como na belíssima experiência de Neemias (Neemias 4.9).

PARA REPARAR OS MUROS

Para nos empenharmos na obra de Deus, não basta apenas nos dispormos a fazê-la. Há condições para Deus nos aceitar em sua causa.

1. Precisamos ser purificados por Deus

Não se trata de autopurificação, que é sempre parcial. Quando nos purificamos a nós mesmo, nós nos purificamos daquilo que nos interessa. Não é Deus que nos sonda, mas somos nós que nos sondamos. Então, elegemos as áreas, seja porque não vejamos algumas, seja porque não tenhamos coragem de ver.

A verdadeira purificação é um processo semelhante à fundição de metais num cadinho. Nele o que não é metal precioso vai se tornando escória).

Deixemo-nos purificar por Deus. Sem áreas escolhidas. Sem cantos escondidos.

2. Para que sejamos purificados, precisamos reconhecer os nossos pecados

Esta é a nossa parte e não é fácil. Nós nos acostumamos com o pecado, ao ponto de o pecado não ser mais pecado.

Eis alguns de nossos pecados, à luz dos versos 25-29:

- . a conspiração pode ser contextualizada como a articulação entre grupos para a tomada do poder ou como a fofoca de uma pessoa contra a outra, que, no fundo, é o resultado do desejo do poder (verso 25).
- . profanação pode ser vista como a dificuldade de discernir o sagrado do profano, que é viver os valores dos homens como sendo valores de Deus, ou melhor, não confrontar os valores dos homens com os de Deus (verso 26).

. religião caíada, isto é, mentirosa, que se expressa na crença em visões falsas (verso 28), como a de que Deus sempre faz a nossa vontade, bastando-nos apenas pedir-lhe.

Precisamos, pois, reparar os buracos de nossos próprios muros e dos muros da igreja.

3. Purificados, precisamos nos empenhar pela causa de Deus

Se Deus procura pessoas que reparem os muros, é porque ele não pode repará-los por nós.

O empenho na causa de Deus é fruto de um relacionamento próximo com Deus. É impossível uma pessoa estar próxima de Deus e não se envolver em sua obra. É possível a alguém que não está próximo empenhar-se (por costume, ativismo, etc.), mas é impossível a quem esteja próximo dele não se empenhar na proclamação do Seu amor.

4. Nosso empenho deve ser feito com oração

O conserto dos muros é uma obra de nossas mãos e uma obra das mãos de Deus. Ação e oração são faces de um mesmo relacionamento. Oração sem ação é preguiça; ação sem oração é pretensão.

O profeta diz que Deus procura pessoas que estejam em pé para interceder pelo povo. Estar em pé sugere o oposto de descanso. Há muita gente que quer ficar sentada diante de Deus. Ele quer pessoas que se disponham a ficar em pé. Nada, portanto, de descanso (Isaías 62.6-7).

Estar em pé sugere também persistência. Não há outro modo de se fazer a obra de Deus.

ESTAR NA BRECHA

Estar na brecha é ser um guarda dos muros, dos próprios muros e dos muros da igreja.

No Antigo Testamento, as cidades eram cercadas por muros. Sobre eles, nas esquinas e pontos estratégicos de visão, ficavam os guardas, os primeiros encarregados da sua proteção. Eles ficavam de prontidão durante três horas. Depois, descansavam durante três horas e voltavam ao trabalho, num revezamento que durava o dia inteiro.

Era um trabalho necessário, mas duro. Exige disciplina e treinamento, vigilância e paciência. A igreja precisa de pessoas com esta disposição.

1. Estar na brecha é estar diante de Deus.

A vida cristã é uma jornada que se faz com os olhos fitos em Deus. Neste sentido, não tem a ver com religião institucional. É algo interior. É uma disposição de vida. Deus não é apenas o futuro para onde se caminha. É o presente que nos leva para o futuro.

Estar na brecha é estar na companhia de Deus; anelar por ela; ter prazer nela. Deus é experienciado como uma presença que dá prazer. Orar é ter prazer em Deus. Quem não ora tem prazer em outras coisas.

Se é verdade que o pecado nos mantém longe da oração, também é verdade que a oração nos mantém longe do pecado.

Temos pensado muito em oração como orações, isto é, como palavras, e pouco em oração como convívio com Deus. Quando Paulo nos pede para orar sem cessar (1Tesalonicenses 5.17), não pode estar pedindo oração-palavra, mas oração-vida. Não podemos falar sem cessar, mas vivemos sem cessar.

Vendo o desejo de Deus, de encontrar uma pessoa que se pudesse na brecha para interceder pelo povo, podemos construir as seguintes imagens.

Um muro separava dois povos. De um lado, estava um povo pecador, distante de Deus. Do outro lado, estava outro povo, o povo de Deus, também distante. No muro havia uma brecha (ponto de passagem). O povo ímpio estava do outro lado preparando-se para invadir a terra do povo de Deus. Era preciso alguém se colocar na brecha para impedir esta passagem e o massacre. Deus procurou entre o povo de Israel uma pessoa que se colocasse na brecha, na brecha entre a impiedade e a santidade, mas não encontrou.

2. Estar na brecha é buscar a orientação de Deus.

Estar na brecha é viver com Deus, como Enoque. Não se trata de algum tipo de misticismo vago, de uma espécie de união entre nosso espírito e o de Deus. Trata-se, antes, de nos deixarmos orientar por ele na vida toda, e não apenas naquelas que a gente imagina Deus esteja interessado.

O guarda dos muros era aquele que buscava olhar ao longe para divisar o perigo. O guarda da vida cristã é aquele que olha para Deus para receber dele a orientação para uma vida que valha a pena.

Estar na brecha, portanto, é apresentar a Deus os nossos desejos.

Quando vivemos na presença de Deus, buscamos depender dele (que não é fácil, embora o seja no discurso). Oração, portanto, é desejo. Quando, no entanto, estamos diante dele, precisamos orar por um assunto e entregar o assunto a ele. Esta entrega significa a entrega de nós mesmos também.

Às vezes temos dificuldade em obter a bênção de Deus, não porque Deus queira reter sua bênção, mas porque não estamos preparados para recebê-la. Nosso preparo não é técnico (porque a técnica tem a ver com palavras e um certo tipo de magia), mas espiritual. Nosso preparo é tão somente confessar os nossos pecados, humilharmo-nos perante ele, arrependermo-nos e orar. São estas as únicas condições que Deus nos impõe.

3. Estar na brecha é orar, mas orar pelos outros.

A missão de estar na brecha se cumpria na intercessão pela terra.

Orar por si mesmo não é interceder. É muito difícil interceder.

Conta-se que uma mulher procurou um pastor e falou de sua preocupação porque seu marido não era crente.

A mulher pediu então que o pastor orasse por seu marido. Ao que o líder respondeu:

— Eu me comprometo a orar uma hora por dia por seu marido, se a senhora também se dispuser a hora por uma hora por dia por ele.

A mulher respondeu que isto não era possível e saiu do gabinete do pastor, para nunca mais voltar.

A intercessão tem um preço. Ela custou a Jesus sua própria vida. Ela nos custa a vida. O caminho da cruz tem três estágios: salvação, santificação e intercessão. A salvação e a santificação são, em certo sentido, egocêntricos, porque centrados na pessoa do crente.

Já a intercessão é diferente. Por ela nos movemos em direção aos outros. Por ela nos tornamos canais pelos quais Deus abençoa o mundo. Por isto, só o crente maduro é capaz de interceder...

O poder de uma vida santa é o resultado direto da oração. Este poder se torna real quando contribui para efetuar mudança nas vidas dos outros.

PARA ESTAR NA BRECHA

Nossa tarefa é permanecer diante da face de Deus em arrependimento e oração pela igreja.

Precisamos estar na brecha a cada dia e só o faremos se estivermos cheios do Espírito Santo e intercedendo pelos outros, seja para sua salvação, seja para algum tipo de livramento.

1. Precisamos ter a visão da brecha.

Para ver as brechas, precisamos agir como atalaias. Nem sempre o perigo tem cara de perigo... Nem sempre a necessidade nos aparece tão evidente.

Hoje, brechas podem ser pessoas com necessidade específicas a serem supridas, sejam elas materiais, espirituais ou emocionais. Que tal um abraço, um sorriso, um convite?

Brechas podem ser ministérios com necessidade de pessoas que os desenvolvam. Não há um ministério nesta igreja que não tenha necessidade de gente.

A indiferença é a pior das doenças porque invisível. A indiferença torna cômodas as nossas vidas. Cômodas e vazias...

Olhe em redor.

2. Precisamos estar dispostos a ficar na brecha.

Não basta ter a visão da necessidade. É preciso ter coragem de supri-la.

Nós somos, portanto, sacerdotes de nós mesmos e sacerdotes daqueles que ainda não entenderam que Jesus Cristo é o único mediador entre os homens e Deus.

Não é fácil ficar na brecha. Não faltarão os críticos... excelente críticos, mas incapazes de ficar na brecha.

3. Precisamos estar dispostos a reparar nossa própria brecha.

Para que nos coloquemos na brecha pelos outros, precisamos nos reparar a nós mesmos.

Precisamos ter uma visão mais clara de nós mesmos.

Precisamos ter uma visão mais clara do que Deus quer de nós.

Precisamos nos dispor a viver segundo o propósito de Deus para nossas vidas e só acontecerá quando vivermos segundo o programa que Deus propôs a Salomão (2Crônicas 7.14):

- . lembrarmo-nos que somos seu povo;
- . vivermos em humildade diante dEle, não achando-me tão poderosos quanto Ele;
- . buscarmos a sua presença;
- . convertermo-nos dos nossos erros.

Israel Belo de Azevedo

3

QUEM INFLUENCIA QUEM?

(Salmo 1)

"Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores!

Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite.

Israel Belo de Azevedo

É como árvore plantada à beira de águas correntes: Dá fruto no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prospera!

Não é o caso dos ímpios! São como palha que o vento leva.

Por isso os ímpios não resistirão no julgamento, nem os pecadores na comunidade dos justos.

Pois o Senhor aprova o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios leva à destruição!" (Salmo 1)

Há alguns que, um dia fiéis a Deus na igreja, desaparecem sem deixar vestígios e sem que aquela experiência anterior parecesse ter algum valor.

Quem não conhece um caso destes?

Somos seres em comunicação; por natureza, precisamos estar uns com os outros.

Felicidade é viver feliz em comunidade, mas sem violência a si mesmo. Se a comunidade nos ajuda a renunciar ao egoísmo, isto é ótimo. Se a comunidade nos impede de sermos nós mesmos (naquilo que é legítimo), isto é péssimo.

No caso de nós cristãos, nossa individualidade foi feita espontaneamente escrava de Deus. Aliás: dá para entender isto de sermos escravos (servos) de Jesus Cristo, como repete o apóstolo Paulo? A vida em comunidade não pode representar outro jugo (que certamente não é suave).

O PERIGO DO JUGO DESIGUAL

Nossa comunidade (mundialmente falando) tem valores diferentes dos valores de Deus. Eis alguns, entre muitos outros:

- . hedonismo (prazer, aqui e agora, não importa o seu preço, pansexualização da vida, culto ao corpo e à juventude),
- . superficialismo (nada de ir fundo, tudo rápido, tudo como se fosse um videoclip),
- . utilitarismo (banalização dos relacionamentos e das experiências, que devem ser descartadas),
- . consumismo como estilo mesmo de vida,
- . expulsão de Deus (a religião do homem é o sucesso, entendido como material),

Diante disto, não é fácil não se deixar influenciar. Parece tudo tão natural.

Quando agimos na contramão (mesmo que na mão certa de Deus), ouvimos tudo quanto é tipo de comentário:

- Olha, que engraçado!
- Olha, que esquisito!
- Olha, que palhaço!
- Olha, que ultrapassado!

Ninguém quer se parecer com um soldado que marcha errado num pelotão onde todos marcham certo.

A pressão é muito forte. A força desta pressão é porque ela é silenciosa e sutil. Não é muito fácil percebê-la. É uma roda: quando a gente vê, está bem no centro dela, todo sorridente.

Tem muito crente na roda. Quando são questionados, alguns saem com o seguinte argumento:

— Eu não me deixo levar.

Será?

OS FRUTOS DA IMPIEDADE (versos 1, 4, 5, 6b)

Eles têm um modo de pensar, ao qual chamam de "conselho" (verso

1). Este conselho pode ser pensado como os valores do grupo dos ímpios.

Quem não pensar como eles pensam está fora. Eles exercem um verdadeiro terrorismo sobre os outros. Pensar diferente é proibido. Às vezes, são minoria, mas conseguem impor seu conselho, na marra.

Os ímpios seguem um caminho (verso 1b). O caminho deles parece aqueles "trilhos" que os goleiros fazem na pequena área. De tanto bater o pé, as marcas ficam. Os ímpios são livres para viverem se repetindo, fazendo os

mesmos programas, como se fossem uma grande novidade. Não têm a menor originalidade.

Os ímpios só sentem bem em "roda" (verso 1c). Nestas rodas, jogam conversa fora. Principalmente, deboçam de Deus e daqueles que o seguem. Eles precisam atacar, como forma de autodefesa. Eles fizeram sua escolha e vivem por ela

O duro é quando os conhecedores da liberdade se juntam a eles, aceitando seu conselho, seu caminho e seu escárnio. Quem faz isto esquece que os ímpios, são como "a moinha que o vento espalha" (verso 4). Moinha é

palha seca moída. Pode ser comparada à fuligem, aquele pozinho que sobra do fogo. Não dá para segurar na mão. O vento leva. Quando estão em grupo, são os maiorais. Quando se encontram com Deus, é brincadeira: não resistem à primeira pergunta.

Quando as coisas apertam, os ímpios pedem justiça (verso 5a).

Começa o julgamento. O advogado faz sua defesa. O promotor acusa.

Resultado: condenado. Por mais que jurem inocência, seus argumentos não têm conteúdo.

Eles apenam para a religião (verso 5b), mas Deus não se deixa convencer, porque continua não havendo sinceridade (confissão, arrependimento e fé) neles. Deus conhece o interior dos seus corações: eles não querem mudar absolutamente nada. Eles não querem dar meia-volta em seu caminho e desejam mesmo a ruína, para onde vão (verso 6b). Aqui e no futuro.

O problema é que, apesar de tudo isso, há filhos de Deus achando bonito esse caminho. É assim o caminho da mentira: doce, mas depois a boca de quem o saboreia se enche de pedras (Provérbios 20.17).

O CAMINHO QUE DEUS JÁ FEZ POR NÓS (verso 2, 3, 6a)

A liberdade feliz ("bem-aventurado" - verso 1) consiste em ir por outro caminho. Este caminho é conhecido pelo próprio Deus, que já o experimentou, ele que é, por seu Filho, o caminho, a verdade e a vida (Jo. 14.6). Ele faz este caminho conosco (verso 6a). Ter uma companhia como esta, e não a dos ímpios, é uma tranqüilidade.

O modo de seguir este caminho já está mostrado (verso 2). Não o fazemos olhando para ele. Nós o fazemos, fazendo. Nós o fazemos meditando nos conselhos de Deus "dia e noite".

Na linguagem poética, "dia e noite" quer dizer: ter o coração no assunto. É como você está amando: você não pensa nele/nela dia e noite? Enquanto dorme, ninguém medita: no máximo, sonha. Meditar "dia e noite" hoje significa ler a Bíblia, onde os conselhos de Deus foram reunidos e significa considerar os valores ali apresentados como sendo os seus valores. Ela é a base do nosso comportamento e do nosso pensamento.

Estão na Bíblia os nossos valores, ou nos conselhos dos nossos colegas e/ou nas verdades dos conselheiros da televisão?

O verso 3 descreve a vida de quem vive segundo os valores propostos por Deus. Ele será "como a árvore plantada junto às correntes de água". Quem vive assim beberá de uma água limpa e corrente, vinda de uma fonte viva. Não vai beber uma água parada. Vai beber uma água sempre renovada, sem perigo de contaminação e sem perigo de acabar. Suas raízes não estão fincadas no deserto (vida vazia), nem no pântano (vida chorosa), mas junto a fontes cristalinas.

Os frutos (testemunho) desta árvore (crente) serão próprios de sua estação (3b). Serão bonitos e gostosos. No tempo da manga, a mangueira florirá. As mangas não vão amadurecer antes da hora. As folhas (testemunho)

desta árvore (crente) não cairão (verso 3c). Quem viver assim é uma árvore bonita, forte e saudável. Seus galhos não vão secar, porque ela se alimenta do próprio Deus.

Tudo o que esse crente fizer "prosperará"(verso 3d). Na linguagem do apóstolo Paulo, tudo o que fizer concorrerá para o seu bem (Romanos 8.28)

A ESCOLHA

Em resumo, a pressão exercida sobre nós, no dia-a-dia da vida, não é sentida como pressão, pois, se fosse, poucos cederiam a ela.

Antes de nos deixarmos influenciar, devemos influenciar. Não fugir do grupo, mas mudá-lo, a menos que notemos que estamos perdendo a batalha e vamos nos perder juntos.

O salmista descreve o caminho dos ímpios e propõe como deve ser o caminho dos que procuram viver segundo os valores de Deus.

Na vida, há dois tipos de pessoas: os que seguem os outros e os que são seguidos pelos outros.

Como influenciar:

- . olharmos o mundo com a mente de Cristo (e não com a mente do mundo: levar vantagem, fruir o agora, exacerbar o indivíduo, etc), que, na linguagem do salmista, é ter nossas raízes plantadas junto à fonte (Deus) verdadeira;
- . firmamo-nos na Palavra de Deus (lendo-a, dia e noite; isto é: importando-se e levando a sério seus ensinoss), o que nos habilitará a estar pronto para dar a razão da esperança que move nossa vida (que tem lugar para a música, para o futebol, para a novela e para o estudo da matéria escolar), conforme nos recomenda o apóstolo Pedro;

. ser crítico de nossa própria fé (que pode se tornar uma coisa vazia, mecânica, repetitiva) e do mundo (que raramente nega a Deus com palavra; aliás, se alguém disser que não crê em Deus, nós o rebateremos; se essa mesma pessoa viver como se Deus não existisse, até poderemos imitá-lo.)

Portanto, a maioria se deixa influenciar. A minoria influencia. Em qual galera você se inclui? Não se deixe levar. Leve.

4

TORNANDO VIVOS OS OSSOS SECOS

(Ezequiel 37.1-14)

"A mão do Senhor estava sobre mim, e por seu Espírito ele me levou a um vale cheio de ossos.

Ele me levou de um lado para outro, e pude ver que era enorme o número de ossos no vale, e que os ossos estavam muito secos.

Israel Belo de Azevedo

Ele me perguntou: “Filho do homem, estes ossos poderão tornar a viver?” Eu respondi: “O Soberano Senhor, só tu o sabes”.

Então ele me disse: “Profetize a estes ossos e diga-lhes: Ossos secos, ouçam a palavra do Senhor!

Assim diz o Soberano, o Senhor, a estes ossos: Farei um espírito entrar em vocês, e vocês terão vida.

Porei tendões em vocês e farei aparecer carne sobre vocês e os cobrirei com pele; porei um espírito em vocês, e vocês terão vida. Então vocês saberão que eu sou o Senhor”.

E eu profetizei conforme a ordem recebida. Enquanto profetizava, houve um barulho, um som de chocalho, e os ossos se juntaram, osso com osso.

Olhei, e os ossos foram cobertos de tendões e de carne, e depois de pele; mas não havia espírito neles.

A seguir ele me disse: “Profetize ao espírito; profetize, filho do homem, e diga-lhe: Assim diz o Soberano, o Senhor: Venha desde os quatro ventos, o espírito, e sopra dentro desses mortos, para que vivam”.

Profetizei conforme a ordem recebida, e o espírito entrou neles; eles receberam vida e se puseram em pé. Era um exército enorme!

Então ele me disse: “Filho do homem, estes ossos são toda a nação de Israel. Eles dizem: ‘Nossos ossos se secaram e nossa esperança desvaneceu-se; fomos exterminados’.

Por isso profetize e diga-lhes: Assim diz o Soberano, o Senhor: O meu povo, vou abrir os seus túmulos e fazê-los sair; trarei vocês de volta à terra de Israel.

E quando eu abrir os seus túmulos e os fizer sair, vocês, meu povo, saberão que eu sou o Senhor.

Porei o meu Espírito em vocês e vocês viverão, e eu os estabelecerei em sua própria terra. Então vocês saberão que eu, o Senhor, falei, e fiz. Palavra do Senhor”. (Ezequiel 37.1-14)

A visão de Ezequiel 37.1-14 se aplica alegoricamente à história de Israel, mas aqui a aplicaremos a nós e a nossa igreja (verso 11a).

Trata-se de uma imagem fantástica. O profeta se encontrava diante de um panorama de desolação: um antigo vale agora cheio de esqueletos,

formados no deserto por um longo tempo. Neste cemitério, os corpos perderam suas peles e suas carnes. Eram agora apenas ossos, ossos secos.

Ezequiel não fala sobre os ossos secos; Ezequiel fala aos ossos secos. Nós podemos viver de tal forma que nossas vidas se tornem secas, vazias, mortas. É possível que aqui hoje haja pessoas assim.

O povo estava no exílio. Não adiantava os profetas garantirem que um dia voltaria para Jerusalém, onde poderia cultuar a Deus em liberdade. O povo não agüentava mais esperar. Palavras não bastavam mais. Não faltavam profetas, alguns com mensagens alentadoras, mas falsas.

O povo olhava para sua história e se via separado de Deus e disperso por várias nações. Não via como voltar a ser o povo querido de Deus.

A NOSSA CONDIÇÃO

Talvez alguns aqui estejam na mesma desolação do povo desterrado.

Talvez você nunca tenha sentido na vida o toque do Espírito Santo a lhe transformar. Por isto, talvez se sinta um monte de ossos secos, sem carne, sem tendões, sem vida viva, enfim. Eu espero sinceramente que hoje tenha

chegado para você este momento, o momento de se sentir visitado pessoalmente por Deus e receber das mãos dele o sentido da vida.

Talvez você já tenha experimentado o amor concreto de Deus, mas por alguma razão (quem sabe, uma decepção com um líder) agora transita de igreja em igreja em busca de uma palavra amiga ou de um sorriso sincero, simplesmente porque isto lhe falte na vida, ou em busca da palavra de Deus capaz de trazer seus ossos à vida. Sinceramente desejo que a visão de Ezequiel se concretize na sua vida e hoje mesmo você sinta o poder de Deus de novo se manifestando em sua existência.

Talvez você esteja cansado de ser crente, não mais encontrando qualquer alegria na vida cristã. Talvez você esteja cansado de ver e viver um cristianismo de muitas palavras e poucos compromissos. Talvez você esteja farto de uma fé teórica, que não encontra ressonância na prática. A sua espiritualidade é como um livro esgotado. Não é mais encontrada. Talvez você esteja experimentando um esgotamento espiritual. Este seu esgotamento pode ser provocado por falsas promessas (de cura, emprego, vida rósea), pela autoconfiança (como se a religião fosse uma superprodução controlada por você) ou pela falta de união à fonte da Vida. Talvez você seja, portanto, um montão de ossos secos no vale da vida. Se assim é, anseio

honestamente que a sua espiritualidade seja um livro cheio de páginas coloridas e disponível na estante, jamais um livro de páginas em branco, escondido em algum sebo empoeirado.

Generalizando a experiência, nós podemos estar, como pessoas, num vale de ossos secos.

Neste caso, limitamos a vida a nós mesmos, achamos que só nós temos talentos e competências. Com esta visão seca, não exploramos todo o nosso potencial. Deus, no entanto, nos quer transformar em grandes

parceiros do seu trabalho no mundo, como Moisés, Isaías, Pedro e Paulo, entre outros.

Nós podemos estar, como igrejas, num vale de ossos secos.

Neste caso, vemo-nos fracos e sem esperança. No entanto, aprendemos na Bíblia que a igreja é o canal através do qual Deus é glorificado. A igreja é a multiforme sabedoria de Deus (Efésios 3.10).

Mesmo que a igreja, ou seus membros, esteja fraca, ela ainda é o Israel de Deus. Deus a levará a vida, fará com que ela cresça. Deus a abençoará se lhe for fiel (Apocalipse 3.7-12).

PARA DEIXAR DE VIVER NUM VALE DE OSSOS SECOS

Sua vida pode estar adormecendo.

Nossa igreja pode ser um gigante que dorme.

Entre seus membros há muitos recursos, espirituais, morais e materiais. No entanto, como no caso de Israel cativo na Babilônia, muitos estão desencorajados e sem esperança. Alguns vivem como se estivessem longe de Deus. Alguns perderam sua fé em Deus. Tornaram-se cemitérios de ossos mortos e secos.

Israel Belo de Azevedo

A estes é preciso repetir a mensagem de Ezequiel: Deus vivifica os mortos. Para tanto:

1. Não podemos voltar a viver senão por Deus (verso 3,6).

A essência da mensagem desta visão é esta: Deus tem poder para nos vivificar (versos 13-14). Se nos esquecemos disso, não há esperança para nós.

O Deus que tem poder para libertar seu povo do cativeiro (no passado) é o mesmo que pode dar vida a corpos mortos (verso 1).

2. Não há condição humana que Deus não possa transformar (verso 4-5).

Nem a morte é definitiva pra Deus, ele que faz ossos secos se tornarem ossos vivos. Se for necessário, ele nos tira da sepultura (verso 12).

Não importa qual seja seu cativo. Seja ele real, físico ou espiritual, você pode ser tirado dele pelo poder e pela graça de Deus.

3. Há uma parte que nos cabe. Os ossos se juntaram a outros ossos (verso 7).

Se, na igreja, não houver toque, não haverá vida. Não basta olhar; é preciso conversar, tocar, conhecer.

Nesta parte, que é nossa, precisamos desenvolver a paciência. No processo de revitalização dos ossos houve um progresso: tendão » carne » pele » espírito.

Alegoricamente, podemos pensar nos tendões como sendo o desejo de procurar a solução, de sair de nós mesmos. É um primeiro esforço, mas ainda insuficiente. Podemos pensar na carne como um conjunto de ações que tomamos (é aquilo que fazemos). Podemos pensar na pele como a

completude da obra que nos cabe e, ao mesmo tempo, como o nosso limite.

Mais não podemos fazer. Por nós mesmos o máximo que alcançamos é a preparação para a vida, mas não a própria vida.

Todavia, não podemos nos contentar com a superfície. Nossos ossos podem ter tendão, carne e pele, mas logo se tornarão secos se não tiverem o espírito (verso 7-8)

4. Nós podemos ser instrumentos nas mãos de Deus.

Para tanto, devemos fazer como Ezequiel: ceder nossas vontades à vontade de Deus (Romanos 6.16) e crer que Deus nos abençoará e nos suprirá todas as necessidades de acordo com suas riquezas em Jesus Cristo (Filipenses 4.19). Deus pode fazer grandes coisas se tão-somente o permitirmos.

O Espírito levou o povo de Israel a viver em esperança. No Pentecoste, o mesmo Espírito de Deus os ajuntou em Jerusalém. O Espírito trabalha de um modo invisível. Não podemos vê-lo, mas podemos ver os seus resultados. Ele sopra a vida em almas mortas. Se ele não sopra na vida de uma pessoa, esta pessoa está morta.

Deus nos dá seu Espírito Santo para que alcancemos a nova vida.

Quando formos instrumentos de Deus, deixaremos de ser ossos secos, para sermos corpos vivos.

Se você ainda não é um redimido por Deus, Ele pode livrar você da condenação do pecado e colocar seu Espírito em você e guardá-lo por seu poder, por meio da fé, para a salvação. Você quer?

Confie em Deus, que pode restaurar seus ossos secos.

Se você, embora sendo um cristão, se sente morador de um vale de ossos secos, confie em Deus. Deixe que os tendões, a carne, a pele se forme nos seus ossos. Deixe que o Espírito Santo de Deus more em sua vida, de novo. A alegria voltará.

5

UM NOME E UM LOUVOR

(Sofonias 3)

"Ai da cidade rebelde, impura e opressora!

Não ouve a ninguém, e não aceita correção. Não confia no Senhor,
não se aproxima do seu Deus.

No meio dela os seus líderes são leões que rugem. Seus juízes são
lobos vespertinos que nada deixam para a manhã seguinte.

Seus profetas são irresponsáveis, são homens traiçoeiros. Seus sacerdotes profanam o santuário e fazem violência à lei.

No meio dela está o Senhor, que é justo e jamais comete injustiça. A cada manhã ele ministra a sua justiça, e a cada novo dia ele não falha, mas o injusto não se envergonha da sua injustiça.

“Eliminei nações; suas fortificações estão devastadas. Deixei desertas as suas ruas. Suas cidades estão destruídas; ninguém foi deixado; ninguém!

Eu disse à cidade: Com certeza você me temerá e aceitará correção!
Pois, então, a sua habitação não seria eliminada, nem cairiam sobre ela todos

os meus castigos. Mas eles ainda estavam ávidos por fazer todo tipo de maldade.

Por isso, esperem por mim”, declara o Senhor, “no dia em que eu me levantar para testemunhar. Decidi ajuntar as nações, reunir os reinos e derramar a minha ira sobre eles, toda a minha impetuosa indignação. O mundo inteiro será consumido pelo fogo da minha zelosa ira.

“Então purificarei os lábios dos povos, para que todos eles invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo.

Desde além dos rios da Etiópia os meus adoradores, o meu povo disperso, me trarão ofertas.

Naquele dia vocês não serão envergonhados pelos seus atos de rebelião, porque retirarei desta cidade os que se regozijam em seu orgulho.

Nunca mais vocês serão altivos no meu santo monte.

Mas deixarei no meio da cidade os mansos e humildes, que se refugiarão no nome do Senhor.

O remanescente de Israel não cometerá injustiças; eles não mentirão, nem se achará engano em suas bocas. Eles se alimentarão e descansarão, sem que ninguém os amedronte.”

Cante, o cidade de Sião; exulte, o Israel! Alegre-se, regozije-se de todo o coração, o cidade de Jerusalém!

O Senhor anulou a sentença contra você, ele fez retroceder os seus inimigos. O Senhor, o Rei de Israel, está em seu meio; nunca mais você temerá perigo algum.

Naquele dia se dirá a Jerusalém: “Não tema, o Sião; não deixe suas mãos enfraquecerem.

O Senhor, o seu Deus, está em seu meio, poderoso para salvar. Ele se regozijará em você; com o seu amor a renovará, ele se regozijará em você com brados de alegria”.

“Eu ajuntarei os que choram pelas festas fixas, os que se afastaram de vocês, para que isso não mais lhes pese como vergonha.

Nessa época agirei contra todos os que oprimiram vocês; salvarei os aleijados e ajuntarei os dispersos. Darei a eles louvor e honra em todas as

terras onde foram envergonhados. 20. Naquele tempo eu ajuntarei vocês; naquele tempo os trarei para casa. Eu lhes darei honra e louvor entre todos os povos da terra, quando eu restaurar a sua sorte diante dos seus próprios olhos”, diz o Senhor”. (Sofonias 3)

Renova-me, Senhor Jesus, já não quero ser igual.

Renova-me, Senhor Jesus, põe em mim teu coração,

porque muito que há aqui em mim necessita ser mudado, Senhor,

porque tudo o que há dentro do meu coração necessita mais de ti.

(M. Witt)

Este corinho de Witt nos fala de mudança, de uma mudança essencial: ter a mente de Cristo, que quer dizer pensar com a cabeça de Cristo. O corinho, portanto, é sobre a santificação.

Todos quantos aceitamos a Jesus como nosso Salvador queremos nos parecer cada vez mais com ele, que é um dos sentidos da santidade. Esta é uma das grandes diferenças da vida cristã: nunca chegamos lá; estamos

sempre chegando, porque ainda não nos parecemos o suficiente com o nosso Senhor.

Esta meta pode gerar em nós diferentes atitudes: ou nos esforçamos em direção ao alvo ou nos sentimos culpados por fracassarmos. Eu ousaria dizer que boa parte de nós se sente culpada. Como alguns alcançam e eu não alcanço.

Se você se sente culpado -- ousei dizer também -- você está no processo da santificação. Aqueles que se entregaram à impiedade (vida longe

de Deus) não sentem vergonha do que fazem. Os que queremos viver uma vida santa, coramos de vergonha quando fraquejamos. E como fraquejamos.

Eu digo isto porque vou ler um texto pesado. Foi escrito por um profeta meio desesperado há cerca de 2400 anos. O texto fala da bronca de Deus contra seu povo.

(Sofonias 3.1-7) que é a santidade segundo o coração de Deus. O capítulo mostra que não há uma divisão entre religião e vida. Israel estava sendo condenado pela prática da injustiça (dimensão horizontal) e por sua

Israel Belo de Azevedo

rebeldia contra Deus (dimensão vertical da fé). A Bíblia, portanto, não faz esta diferença que nós fazemos.

Nela aprendemos que ser santo é ter a mente de Cristo. Ser santo é ter as marcas de Cristo. Ser santo é pensar com a mente de Cristo. Ser santo é ter os olhos fixos em Deus (valores do Alto).

PARA QUEM QUER SE SANTIFICAR

1. *Aceitemos correção que vem de Deus.* Quem quer se santificar, diferentemente do povo de Israel ao tempo de Sofonias, dispõe-se a chamar pelo nome de Deus e a aceitar a correção (disciplina) que Deus providencia (versos 1b,7a). Deus usa vários modos para disciplinar/corriger/moldar seus filhos (versos 8-11).

Não aceitar correção é obstinadamente rejeitar as advertências enviadas por Deus e premeditadamente recusar mudar de vida pela correção (cf. Jeremias 5.3). Quem não aceita a correção é soberbo.

Aceitar a correção de Deus (verso 2) é, nas palavras do Novo Testamento, andar de modo digno da vocação divina para cada um (Efésios 4.1)

2. *Confiemos em Deus.* Quem quer se santificar, diferente do povo de Israel ao tempo de Sofonias, precisa confiar em Deus (verso 12). Confiar significa submeter-se a Deus, atitude muito difícil em qualquer faixa etária. A atitude básica da santificação é a humildade, que é o contrário de orgulho. O orgulhoso é arrogante, auto-suficiente, presunçoso e insolente diante de

qualquer autoridade (pois a única que lhe importa é a sua própria), fazendo com que não se disponha a se submeter a Deus. O humilde é aquela pessoa pronta, confiante e interessada em se submeter a Deus, a quem tem em prazer em agradar (mais que a si mesmo).

Não confiar em Deus é viver como Ele fosse insuficiente. Quem não confia nEle confia em superstições e na própria iniquidade. A santificação começa com uma pergunta essencial: "qual é a minha atitude diante de Deus?".

3. *Entendamos o processo da santificação.* Quem quer se santificar, diferente do povo de Israel ao tempo de Sofonias, precisa entender que a santificação só pode começar quando aceitamos que é Deus que nos santifica, separando-nos para si e lançando fora toda a condenação contra nós (verso 15)

A santificação não resulta de nossos méritos, mas da ação da graça de Deus sobre nós. Então, não temos que fazer nada?

OS RESULTADOS DA SANTIFICAÇÃO

O que acontece na aventura da santificação? O profeta descreve este tipo de vida com imagens vivas (versos 14-20).

1. *Somos salvos do pecado.* Começamos a nos tornar santos quando Deus anula a sentença de morte contra nós (verso 15).

2. *Sentimos a presença de Deus conosco.* Vivemos tendo a certeza de que Ele está no meio do grupo da gente, no meio da igreja da gente, no centro do coração da gente. Descobrimos que ele tem prazer de Deus em estar

conosco, revivendo aquilo que fazia de tardezinha no jardim do Éden, quando vinham bater-papo com Adão e Eva.

3. *Participamos da renovação do seu amor para conosco.* Nesta renovação, experimentamos seu cuidado quando estamos em dificuldade, seja quando coxeamos (não sabemos para onde ir, dada certa circunstância), seja quando ficamos à margem da vida. Ele age como um pastor de ovelhas, que firma as fracas e vai buscar aquelas que ficaram de fora do curral.

4. *Recebemos dele um nome.* Com Ele conosco, passamos a ser alguém. Boa parte das ações humanas de hoje visa ser reconhecido, inclusive as chamadas mortes em série (os chamados *serial killer*, dos Estados Unidos).

5. *Recebemos dele um louvor.* Não é que Ele nos louve. Nós é que O louvamos. Ele faz de nós um louvor, isto é, um riso ambulante, pela felicidade perene. Não há incompatibilidade entre santidade e alegria. A alegria decorre do fato de que estamos salvos. Por isto, santificação e paz (nenhum medo da morte) andam juntas (Hebreus 12.14).

PASSOS DA SANTIFICAÇÃO

Se queremos ser santificados, devemos buscar o Senhor, buscar a justiça, buscar a humildade (2.3). Esta é a busca de quem se refugia em Deus, de quem se refugia na morte de Cristo por nossos pecados -- este é o princípio da santificação-- humildade que nos permite entrar no reino da alegria divina.

Israel Belo de Azevedo

1. *Buscar o Senhor é escutar a sua voz* (verso 2), que é bem diferente que exultar (gritar) arrogantemente (verso 11). Buscá-lo é viver buscando os valores que são de Deus, como ensina o apóstolo Paulo (Colossenses 3.1-2).

2. *Buscar o Senhor é aproximar-se de Deus* (verso 2). É buscar a companhia de Deus. Que companhias temos procurado? Se procuramos a Deus, buscamos viver segundo Ele quer. Se buscamos outras companhias, é porque temos prazer nelas. Embora Deus esteja perto de nós, às vezes preferimos nos achar estrangeiros diante dEle (1.2d).

3. *Buscar o Senhor é importar-se/interessar-se por viver uma vida de santidade.* O profeta fala de lábios puros, como índice de uma vida pura (verso 9). Este é um estilo bem diferente dos que entregam à própria impureza (Efésios 4.19). Seu estilo está descrito pelo apóstolo Paulo: são insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias paixões e deleites, vivendo em malícia e inveja odiosos e odiando-nos uns aos outros (Tito 3.3).

A santificação se manifesta na pureza. A imagem bíblica é que ela é o resultado do fogo consumidor de Deus (verso 8), uma indicação que é pureza total e não apenas em parte de nossas vidas. Somos convidados à pureza no

falar, pureza no proferir o nome do Senhor e pureza no servir ao Senhor

(verso 9).

4. *Buscar o Senhor é invocar o seu nome* (verso 9). É viver chamando por seu nome. É identificar-se com este nome. A boca que profere o Nome não pode proferir a mentira e o engano (verso 13).

Que a linguagem pura da graça de Deus nos ensine o idioma de humildade, do arrependimento e da fé.

Que a graça de Deus nos renove a cada dia, atendendo a oração do corinho de Witt.

Para isto,

"não atentemos para as coisas que se vêem, mas sim para as que se não vêem, porque as que se vêem são temporais, enquanto as que se não vêem são eternas" (2Coríntios 4.18).

"Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportemo-nos uns aos outros em amor.

Aprendendo com Cristo, despojemo-nos dos seus procedimentos anteriores, do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; mas nos renovemos no espírito da sua mente e nos revistamos do novo homem, que segundo Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade.

Deixemos a mentira e falemos a verdade cada um com o seu próximo, pois somos membros uns dos outros. Não saia da nossa boca nenhuma palavra torpe, mas só aquela que seja boa para a necessária edificação, a fim

de que ministrem graça aos que a ouvem. Toda a amargura, cólera, ira, gritaria, blasfêmia e malícia sejam tiradas de nós. Sejam bondosos uns para com os outros, compassivos, perdoando-nos uns aos outros, como também Deus nos perdoou em Cristo.

Não entristecemos o Espírito Santo de Deus, no qual fomos selados para o dia da redenção". (Efésios 4.20-30; cf Colossenses 3.3-17)

6

CHEIROS

(Filipenses 4.10-20)

"Alegro-me grandemente no Senhor, porque finalmente vocês renovaram o seu interesse por mim. De fato, vocês já se interessavam, mas não tinham oportunidade para demonstrá-lo.

Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância.

Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem-alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade.

Tudo posso naquele que me fortalece.

Apesar disso, vocês fizeram bem em participar de minhas tribulações". (Filipenses 4.10-20)

O problema do silencioso conflito entre a teologia cristã (conjunto de crenças acerca do modo como Deus age) e a vida cristã (um conjunto de ações que Deus nos inspira a tomar).

Muitos de nós podemos ficar no primeiro nível, que é insatisfatório.

No entanto, Deus espera de nós que alcancemos também o segundo nível.

Quando isto acontece conosco, nossas ações se tornam, segundo o apóstolo

Paulo, em cheiros suaves para Deus.

Suas recomendações finais aos filipenses nos ajudam neste itinerário,
que vamos considerar versículo por versículo.

1. *Aprendamos a ir da intenção à ação* (verso 10).

. alegrei-me -- A alegria é um estilo de vida; aliás, ela deve ser o estilo de vida do cristão. A falta de regozijo é um sintoma de um estilo perigoso de vida. A falta de regozijo indica um conceito errôneo do significado da vitória de Cristo. Nós já triunfamos porque Cristo triunfou. Por isto, nos alegramos.

. provou -- Nosso cuidado é a prova do cuidado de Deus para com os outros. Por isto, quando tivermos oportunidade de fazer o bem, façamo-lo. Estas provas podemos dá-las por meio da igreja ou diretamente, seja através do trabalho, da contribuição financeira ou do afeto.

Como é bom ouvir: "em que posso ajudar no trabalho da igreja";
quem fala assim descobriu o sentido da vida cristã; não vegeta mais.

Como é triste ver pessoas que são capazes de cantar, são capazes até de evangelizar, mas são incapazes de colocar a mão no bolso ou na bolsa, colocando seus recursos para o bem de todos. Essas pessoas vivem um evangelho incompleto, um evangelho para si mesmo; nunca poderão alcançar pessoas distantes por meio de uma oferta missionária ou do plano cooperativo; nunca poderão ajudar a igreja a distribuir cestas básicas entre as pessoas boas da Tijuca.

Israel Belo de Azevedo

Como é desagradável perceber pessoas, mesmo na igreja, incapazes de perceber o gesto de aproximação, o sorriso de convite do outro, como se vivessem em casulos.

. faltou oportunidade -- Paulo mesmo não deu oportunidade que os filipenses lhe fizessem bem, temendo que o dinheiro pudesse servir de empecilho (e como é para alguns...) Ademais, Paulo mostra que não devemos imaginar que vivemos para ser acariciados, como se fôssemos crianças. Devemos pedir quando realmente precisamos. Há pessoas, no entanto, tão carentes que chegam a criar necessidades para serem acariciados.

2. *Não esperemos precisar para mudar nossas perspectivas (versos 11-12).*

. por necessidade -- Quando nós precisamos, mudamos nossa maneira de ver as coisas. Quando um parente nosso fica doente, percebemos se os irmãos ligam para nós ou não e passamos até a dar a importância à oração intercessória. Quando enfrentamos o desemprego, percebemos se os irmãos se mobilizam ou não para nos ajudar. Quando ficamos deprimidos, sentimos falta do companheirismo e da amizade.

Que não precisemos sofrer para desenvolver uma teologia correta acerca do modo de agir de Deus. Antes, como Paulo, aprendemos a nos

contentar com a nossa vida, no sentido positivo do contentamento. Não fazemos mais porque não nos contentamos com o que temos. Somos ambiciosos demais para compartilhar aquilo que temos. No entanto, lembremo-nos que não é o que temos que nos faz felizes, mas a dependência de Deus (Filipenses 4.6).

. *estou instruído* -- A vida é uma aprendizagem. Paulo tomou as experiências da vida e se aperfeiçoou na arte de viver, entendendo que a escassez não é para sempre, assim como a abundância não o é. Nem todos sabemos viver felizes, como Paulo, na escassez de felicidade.

. posso -- Este estilo de vida paulino derivava de sua confiança em Deus, certo de que Ele lhe fortaleceria. Sua força era sua dependência de Deus (2Coríntios 12.10b). Sócrates disse que a verdadeira riqueza de uma pessoa é a sua alegria. Nós sabemos que a alegria do Senhor é a nossa força (Neemias 8.10b).

3. *Aprendamos a compartilhar da aflição do próximo* (versos 14-15).

. *fizeste bem* -- Compartilhar da aflição do outro é ajudar. Compartilhar da aflição do outro é também ser ajudado. Como é bom ajudar.

. *nenhuma igreja* -- A maioria das pessoas ainda se comporta como a maioria das igrejas contemporâneas do apóstolo: não descobriu como é bom ajudar.

. *dar e receber* -- A vida pode ser pensada como um livro de débito/crédito. Nossa vida oscila entre estas duas colunas. Muitos queremos apenas o crédito. Algumas igrejas não ajudaram Paulo e não foram ajudadas por ele. Dar e receber são duas faces de uma mesma moeda. Quem dá recebe.

4. *Aprendamos a ser generosos* (versos 16-17).

. não apenas uma vez -- Generosidade é suprir a necessidade do outro, não importa a dimensão e a extensão dela. O generoso não controla o alvo de sua

generosidade. Se somos generosos, podemos até ser cuidadosos para que nossos atos não alimentem atitudes impróprias nos necessitados. No entanto, se você quiser dar por meio desta igreja (por meio da contribuição financeira ou por meio de doações específicas de serviços, produtos e gêneros alimentícios), saiba que tudo é distribuído com generosidade (a sua generosidade) e critério (a inteligência posta a serviço da dignificação do ser humano).

. fruto -- O fruto a que o apóstolo Paulo se refere é o sintoma, o interesse, a intenção de fazer o bem. Em certo sentido, para ele isto era o mais

importante, porque haveria uma consequência natural (desta intenção), que seria a sua concretização.

5. *Sejamos cheiros suaves para Deus* (versos 18-20)

. tenho tudo -- Só pode entender que tem em abundância aquele que conta o que tem. Como nos ensina o clássico hino: contemos as bênçãos, se formos capazes. A maioria de nós aqui tem mais que o suficiente, mas a maioria de nós aqui vive como se fosse carente... carente daquilo que tem.

. cheiro suave. O bem que fazemos para o outro é cheio suave para Deus, tanto quanto quaisquer outras expressões de louvor. Como no tempo do Antigo Testamento, nossas boas ações em direção ao próximo são cheiros suaves a Deus (Gênesis 8.21).

. sacrifício aceitável a e agradável -- Este é o culto que agrada a Deus (Am 5.21). O que fazemos para o outro é cheio suave para Deus.

. meu Deus x nosso Deus -- A bondade dos filipenses fez Paulo viver Deus como *seu* Deus, porque eles tinham suprido suas necessidades. Deus se lhe tornou pessoal. O Paulo chama a Deus de "meu". Mais adiante, no entanto,

ele o chama de "nosso Deus". A indicação é clara: quando na igreja, as pessoas se importam umas com as outras, tornando-se todas cheiros suaves para Deus, Deus se tornou o Deus dessas pessoas. A igreja pode chamar, então, a Deus de "nosso" Deus. É possível que a experiência de muitos se esgote num Deus individual, que é fundamental para a fé e para a vida. No entanto, esta experiência deve ser cada vez de um número maior, e isto só acontece quando aquele que descobriu individualmente seu Deus se torna cheiro suave por meio de suas ações.

Israel Belo de Azevedo

Fazer o bem é um estilo de vida. O egoísmo também é um estilo de vida. Qual é o seu?

Quem faz o bem é cheiro suave para Deus.

Sejamos, portanto, cheiros suaves para Deus.

7

CHEIROS, AINDA

(2 Coríntios 2.14-17)

"Mas graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo e por nosso intermédio exala em todo lugar a fragrância do seu conhecimento; porque para Deus somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e os que estão perecendo.

Israel Belo de Azevedo

Para estes somos cheiro de morte; para aqueles, fragrância de vida.

Mas quem está capacitado para tanto?

Ao contrário de muitos, não negociamos a palavra de Deus visando lucro; antes, em Cristo falamos diante de Deus com sinceridade, como homens enviados por Deus". (2 Coríntios 2.14-17)

O cheiro tem uma dimensão cultural. Segundo alguns estudiosos, só há um cheiro universal, agradável a todos os gostos ao redor do mundo: é a cola, que talvez explique o sucesso da Coca-Cola e da Pepsi-Cola...

EXPOSIÇÃO

O apóstolo Paulo passava por uma situação difícil: Deus lhe abria uma oportunidade para pregar o Evangelho, mas ele esperava por um auxiliar, Tito, com notícias sobre a causa (versos 12-13). Acredite quem quiser: o grande missionário estava sendo questionado em seus métodos e propósitos.

Enquanto esperava, sentiu o conforto de Cristo, sentindo-se, não um derrotado, mas um vitorioso. Ele descreve esta vitória nos termos da procissão triunfal romana.

O general vencedor era levada em uma carruagem pelas ruas de Roma. À sua frente, iam vários sacerdotes que derramavam potes de perfume. Atrás dele viam os cativos que tinha feito na batalha e que eram levados algemados para a execução. Pouco depois seguiam os oficiais do seu exército. As ruas ficavam cheias de gente aclamando o vencedor.

Para os prisioneiros, esses cheiros eram cheiros de derrota e morte, porque prenunciam o que lhes iam acontecer. Para as pessoas livres, esses cheiros eram cheiros de vitória e de vida.

Em homenagem às grandes vitórias, às vezes eram edificadas arcos, chamados de arcos do triunfo, especialmente quando o vencedor era também um imperador.

Paulo faz uma fusão entre a imagem romana e a imagem bíblica, uma vez que, no Antigo Testamento, o cheiro é parte integral do sacrifício prestado a Deus, que dele se agradava.

Agora, este sacrifício é algo vivo: nossas vidas são sacrifícios agradáveis e vivos, especialmente porque exalamos não um cheiro próprio, mas o cheiro de Cristo, presente em nós.

Viver desse modo, como perfume de Cristo, não é fácil. No entanto, isto deve ser natural em nós. Não precisamos parecer que somos de Cristo, porque o somos, com sinceridade.

APLICAÇÕES

Jesus está vivo e pode nos libertar das dificuldades e pressões pelas quais passamos. Onde quer que estejamos, Deus sorve a doçura e a beleza de Jesus manifestas naquilo que fazemos para Ele.

1. Os cristãos somos levados em triunfo (14a).

Somos levados de vitória em vitória, a despeito das dificuldades, como a de Paulo, que enfrentou um conflito: servir a Deus de imediato ou esperar por Tito (e servir a Deus depois). Diante daquela situação, o apóstolo se imaginou vitorioso e sentiu vitorioso.

É Deus quem nos faz triunfar. Ele jamais abandona seus ministros. Esta deve ser a certeza de todos quantos atuam no seu Reino. No exercício da fé cristã, passamos por muitos problemas, mas Deus nos carrega em triunfo.

É do caráter de Deus cuidar daqueles que procuram viver em sua presença, não importam as circunstâncias. Humanamente, as circunstâncias tendem a nos derrotar. Pela fé, nós já as derrotamos.

Isto não nos deve levar ao triunfalismo ou ao ufanismo. Triunfalista é aquele que acha que vence por si mesmo. Ufanista é aquele que se recusa a ver os problemas e tem orgulho de suas vitórias, mesmo as menores, tornadas grandiosas. Antes, nossa vitória é a vitória de Cristo.

Quando passamos, nosso perfume exala. Que passemos e o nosso perfume fique.

2. Os cristãos somos os meios que Deus usa para perfumar o mundo (14b).

É do projeto de Deus usar o perfume que somos para perfumar o mundo. Na imagem da procissão do triunfo, enquanto ela durava as pessoas viviam a vitória do seu general. Nossa vitória é a garantia da vitória de Deus no mundo.

O conhecimento de Cristo é uma fragrância (um cheiro, um perfume). E não há como esta fragrância ser conhecida senão por nosso intermédio.

3. Os cristãos somos cheiros de vida e de morte para o mundo (versos 15-16)

Na procissão triunfal, havia dois grupos que desfilavam. Os cativos e a tropa. A tropa, ao final, recebia seu troféu, incluindo o general. Os cativos não tinham qualquer esperança: esperava-os a morte.

Nós somos o exército de Cristo. Somos cheiros de vida. A vida do mundo depende do nosso cheiro. Somos vida, quando nosso perfume leva à salvação.

No entanto, também somos morte, quando nosso perfume leva à perdição. Diante do nosso testemunho de vida, muitos preferem ignorar a Deus e escolhem a morte. É da natureza do perfume ser notado. Muitos,

mesmo notando o perfume, preferem recusá-lo. Recusar o perfume de Cristo que somos nós é escolher a morte. Eis algo triste que precisa ser dito, e o apóstolo Paulo o disse: nosso testemunho, que é para a vida, pode significar a morte... para os que recusam a Deus. Não há culpa em nós, quando isto acontece.

Infelizmente, porém, podemos ser perfume de morte, num outro sentido. É quando permitimos que o perfume de Cristo evapore do nosso frasco e ficamos vazios. Dizemo-nos perfumes de Cristo, mas nada mais temos de Cristo, senão o frasco. Se estamos assim, não somos vida, não comunicamos vida, embora mantenhamos o discurso.

Outros podemos ser perfumes escondidos no frasco. Olhar um vidro de perfume não é se perfumar. Muitos fechamos os frascos para que deles não saiam qualquer cheiro. Perfumes assim não contribuem para espalhar a fragrância do conhecimento de Cristo.

Quando isto acontece, somos perfumes para a morte. Não comunicamos vida.

4. Os cristãos não podemos mercadejar a Palavra de Deus (verso 17a).

Na era do mercado, como a nossa, que problema há em mercadejar a Palavra de Deus?

O verbo, no passado bíblico, tinha um sentido diferente do de hoje.

Significava falsificar, retalhar, adulterar um produto.

Falsificamos a Palavra de Deus, quando dizemos uma coisa e vivemos outra. Uma das maneiras de adulterar a Palavra de Deus é viver de modo duplo. Às vezes, na vida conhecemos pessoas antipáticas, sem educação mesmo, grosseiras até, e acabamos nos defrontamos com elas na igreja, às vezes simpáticas, educadas e atenciosas. Às vezes, trocamos experiências moralmente terríveis com pessoas que, um dia descobrimos, na igreja. Essas pessoas falsificam o Evangelho.

Falsificamos a Palavra de Deus, quando não conseguimos viver segundo esta Palavra. Ela, por exemplo, diz que o verbo essencial da vida é amar; no entanto, muitos de nós só conseguimos amar a uma pessoa: a gente mesma...

Falsificamos a Palavra de Deus, quando a misturamos com nossas próprias idéias. Nossas idéias só têm sentido quando podem ser conferidas com o Evangelho. O nosso evangelho próprio não interessa; só o de Jesus, que é o que salva.

Em outras palavras, podemos ser perfumes falsificados. A etiqueta é de um grande perfume, mas o produto foi fabricado em algum fundo de quintal. Nossos frascos podem conter a etiqueta: cristão, nome daquele que segue a Cristo. No entanto, muitos somos cristãos apenas no rótulo.

5. Os cristãos devemos falar o que vem de Deus (versos 16b, 17b).

Ao descrever uma vida perfumada, Paulo pergunta: quem é idôneo (digno) de viver desse modo? (verso 16b). Só um super-homem, diriam alguns.

A resposta, no entanto, é outra e está na última parte do versículo

17. Nosso ministério é viver na presença de Deus, o que só é possível por Cristo.

Este é o grande método de evangelização: ser aquilo que nós somos e falar o que provém de Deus.

É isto que é sinceridade: viver sob os raios do sol e ainda assim evidenciar sua pureza. (Aliás, a palavra deriva de sol e juízo.) Trata-se uma meta a ser perseguida. Quanto mais nós somos aquilo que falamos que somos, mais nossas vidas testemunham de Deus.

Como falar o que provém de Deus? É viver na certeza de que o triunfo vem de Deus. É colocar nossas vidas ao dispor dele, para ele dispor dela como quiser. É colocar nossa sabedoria (inteligência e conhecimento) para perfumar o mundo.

Aquilo que eu sou exala o perfume de Cristo?

Não há suficiência em nós. Só Deus é suficiente. Aquele que anda com Deus e para Deus é suficiente o bastante, mas pela suficiência de Deus.

Israel Belo de Azevedo

8

DIMINUIR PARA MULTIPLICAR

(2 Coríntios 9.6-15)

"Lembrem-se: aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente.

Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria.

E Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra.

Como está escrito: “Distribuiu, deu os seus bens aos necessitados; a sua justiça dura para sempre”.

Aquele que supre a semente ao que semeia e o pão ao que come, também lhes suprirá e multiplicará a semente e fará crescer os frutos da sua justiça.

Vocês serão enriquecidos de todas as formas, para que possam ser generosos em qualquer ocasião e, por nosso intermédio, a sua generosidade resulte em ação de graças a Deus.

O serviço ministerial que vocês estão realizando não está apenas suprimindo as necessidades do povo de Deus, mas também transbordando em muitas expressões de gratidão a Deus.

Por meio dessa prova de serviço ministerial, outros louvarão a Deus pela obediência que acompanha a confissão que vocês fazem do evangelho

de Cristo e pela generosidade de vocês em compartilhar seus bens com eles e com todos os outros.

E nas orações que fazem por vocês, eles estarão cheios de amor por vocês, por causa da insuperável graça que Deus tem dado a vocês". (2 Coríntios 9.6-15)

É difícil falar-se em contribuição financeira num tempo de dinheiro escasso e de práticas pouco recomendáveis em outras igrejas.

O apóstolo Paulo fala do assunto sempre com referência ao fato de que não era "pesado" às igrejas. Neste caso, ele pede aos corintos que

contribuísem não para seu ministério mas para suprir as necessidades dos cristãos de Jerusalém.

Dessa história podemos apreender valiosíssimas lições sobre a nossa relação com o dinheiro. Afinal, nossa espiritualidade tem a ver com o lugar que o dinheiro ocupa em nossas vidas.

CONTRIBUIR É UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA

A contribuição dos corintos para Jerusalém era uma questão de justiça. A comunidade de Jerusalém estava necessitada, ela que um dia supria espiritualmente as igrejas da Ásia.

1. A igreja é a organização planejada por Deus para o anúncio do seu Reino ao mundo.

A contribuição de hoje é o método de Deus para a obra da proclamação do seu amor ao mundo, expressa por meio da pregação, da adoração e da ação social.

Sem as contribuições fiéis dos seus membros, a igreja não pode fazer nada. A nossa poderia fazer mais, se mais fossem as contribuições. Dos nossos 954 membros, em média apenas 300 contribuem regularmente.

Fala-se muito em solidariedade, palavra que os cristãos têm colocado em prática há muito tempo. No caso específico dos batistas, o dinheiro arrecadado nas igrejas para sustentar seu ministério no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo, ministério este desenvolvido por meio da pregação, da denúncia pública de desvios dos Estados e das sociedades e produção de ações concretas visando a superação dos problemas sociais. Assim, por exemplo, o dinheiro aqui depositado transforma-se, por exemplo, em

remuneração para os ministros e missionários, em cestas básicas, em Bíblias e em tendas de esperança. O dinheiro aqui entregue transforma-se em gestos de concreta solidariedade.

A propósito, o emprego do dinheiro é auditado periodicamente e um relatório das receitas e despesas é afixado publicamente no quadro do térreo deste templo; qualquer pessoa pode saber como é usado o dinheiro de sua contribuição. A transparência é total. O destino dos recursos é discutido publicamente e aprovado por maioria.

Israel Belo de Azevedo

2. Numa outra dimensão dessa justiça, a contribuição é uma espécie de expressão de gratidão pelo que Deus faz por nós.

Em Jesus, ele se fez pobre para que nós fôssemos espiritualmente ricos (8.9). O apóstolo diz que não contribuímos apenas para suprir necessidades, mas também como forma de ação de graças pelo que Deus nos fez e faz (9.12). Contribuir é adorar.

Não se trata de um pagamento em troca. O salmista (Salmo 116.12) diz que não temos como retribuir ao Senhor pelos benefícios que nos tem trazido. Trata-se então e tão-somente de um gesto de ação de graças pelo

que nos tem feito. *Certamente, quem não oferece nada é porque não recebeu nada.*

Não se trata de uma obrigação que se cumpre como um fardo, mas como um privilégio (8.4).

Como vai a sua fidelidade, em termos de regularidade e de percentual da sua remuneração? É algo expressivo ou apenas sobra? Expressa sua gratidão para com Deus? É o bastante para permitir que a igreja faça a obra de Deus no mundo?

CONTRIBUIR É UMA QUESTÃO DE SABEDORIA

A contribuição dos corintos para Jerusalém demonstraria a aprendizagem de uma lição.

Para o homem secular, a contribuição regular e sistemática, a que chamamos de dízimo, é um escândalo. O homem secular acha que todos os dizimistas são uns pobres-coitados explorados pelos pastores das igrejas. A matemática deles é simples: como pode um assalariado tirar 10% de seus rendimentos mensais para entregar para a igreja?

É possível que alguns aqui façam coro com estes críticos, críticos que não entendem que é sábio ser dizimista. Por isto, afora os aspectos doutrinários em relação ao dízimo, quero falar de uma outra faceta.

Quem contribui regularmente está mostrando que põe em primeiro Aquele que deve estar em primeiro lugar. Efetivamente, ele busca em primeiro lugar o Reino de Deus. Mais ainda: esta pessoa sabe organizar a sua vida. Ela sabe que o dinheiro não pode ser o primaz da vida de ninguém.

Quem faz assim é capaz de ser solidário e de viver plenamente. Contribuir é compartilhar.

Israel Belo de Azevedo

Não somos abençoados porque fizemos um contrato com Deus, mas porque: aprendemos a viver, aprendemos a gastar nosso dinheiro no essencial, aprendemos a depositar nossa confiança em Deus. É por isto que o salmista diz que quem contribui liberalmente se torna mais rico (Provérbios 11.24). Dar é como semear (9.10).

A avareza não é inteligência. Antes, é uma idolatria. Ela pode nos levar ao erro sobre o erro. Por isto o apóstolo Paulo nos adverte para as armadilhas que o amor ao dinheiro pode nos preparar (1Timóteo 6.9-10). Pode parecer absurda a ilustração que aparece no livro-filme “O Advogado do

Diabo”, de Andrew Neiderman. O jovem advogado se dispôs a negar todos os valores para se enriquecer.

CONTRIBUIR É UMA QUESTÃO DE OBEDIÊNCIA

A contribuição dos corintos para Jerusalém era o resultado de uma vida de obediência.

Ao contribuir, seguimos o exemplo de Jesus. Ele, sendo rico, se fez pobre, ao doar sua própria vida (8.9). Nossa generosidade decorre da generosidade excelente de Jesus.

A riqueza prometida por Deus não é de dinheiro, mas de riqueza de amor, de amizades, de intimidade com Deus.

Por isto, contribui aquele que primeiramente se dá ao Senhor (8.5). É parte de um processo de santificação. Deus quer a nós, não o nosso dinheiro.

A contribuição não deve ser motivada pela desejo da multiplicação própria. Certamente, Deus multiplicará a contribuição, ao fazê-la circular pelo mundo. Pode ser até que Deus devolva multiplicadamente aquilo que lhe foi doado. No entanto, pode ser que Deus não multiplique os bens daqueles que

Ihe retribuíram com algo. Como esta não é a motivação, a fidelidade continuará.

A multiplicação não é de bens, mas de boa obra, de frutos espirituais.

A riqueza prometida por Deus não é de dinheiro, mas de riqueza, amor, amizade e intimidade com Deus (9.8).

A contribuição deve ser conforme uma proposta própria, que implica em disciplina e mesmo em planejamento mas implica principalmente em contribuição com alegria. É algo pessoal: entre nós e Deus.

Precisamos transformar nosso desejo de contribuir em efetiva contribuição (8.11).

A maioria dos membros das igrejas batistas é dizimista no desejo, conquanto não o seja no plano da prática.

A contribuição é uma prova de nossa confiança em Deus. Como Ele é capaz de atender nossas necessidades, não precisamos ter medo de contribuir, segundo o que temos, não segundo o que não temos (9.8-11).

Israel Belo de Azevedo

9

FALTA-LHE A CRUZ

(Mateus 10.32-39)

“Quem, pois, me confessar diante dos homens, eu também o confessarei
diante do meu Pai que está nos céus.

Mas aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei
diante do meu Pai que está nos céus.

Israel Belo de Azevedo

Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.

Pois eu vim para fazer que “ ‘o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria família’.

Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim.

Quem acha a sua vida a perderá, e quem perde a sua vida por minha causa a encontrará". (Mateus 10.32-39)

A cruz tem sido objeto das mais diferentes atitudes por parte de cristãos e de não cristãos.

A maioria dos templos evangélicos não porta cruzes, nem por dentro nem por fora. A maioria dos evangélicos não carrega crucifixos nos pescoços.

No caso do Brasil, os templos evangélicos não têm cruz, porque a liberdade de culto consagrada na Constituição de 1824 proibia que as casas de culto tivessem qualquer forma exterior de templo (incluída a cruz). A

ausência não se deve, portanto, a nenhum anticatolicismo, mas a uma imposição católica. A cruz, no entanto, é um símbolo cristão e não pertence a nenhum grupo.

A cruz, que o apóstolo Paulo chama de loucura de Deus por nós e poder de Deus para nossa salvação (1Coríntios 1.18), acabou se tornando um objeto de repulsa, por parte de alguns, e de adoração, por parte de outros.

Nada indica melhor a atitude da repulsa do que a reação, no século 12, dos petrobrussianos e os henriquianos. Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne e seus seguidores rejeitavam qualquer veneração de cruzes,

chegando a tirá-las dos templos e mesmo a queimá-las, por achá-las incompatíveis com a fé cristã.

Diferentemente, Arthur Blessitt carrega, como forma de testemunho cristão, uma cruz a pé ao redor do mundo. Desde 1969 até outubro de 1999, ele já esteve em todos os continentes, passando por 278 países, 49 dos quais em guerra, e percorrendo 54 mil km com uma cruz, numa caminhada que o Guinness Book considera a mais longa da história.

BREVE HISTÓRIA DA CRUZ

Na verdade, o símbolo da cruz antecede o Cristianismo. A cruz suástica (termo sânscrito) já era conhecida na Índia pré-histórica. Os antigos egípcios também conheciam um tipo de cruz, associada à deusa Sekhet. Não era usado para finalidade de punir pessoas.

A cruz, no entanto, passou a ter um significado específico a partir da crucificação de Jesus. Entre os gregos, havia o costume de se pendurar os criminosos em árvores. No entanto, a crucificação era também praticada no caso de bandoleiros. Os romanos "aperfeiçoaram" o "método", requintando-a com solenidade e crueldade. Era uma forma de castigo específica para escravos condenados por crimes graves. Nas províncias, no entanto, a pena

podia ser aplicada a culpados de bandidagem. De qualquer modo, era totalmente proibida a cidadãos romanos, a menos que fossem pobres.

A crucificação de pessoas vivas não era praticada entre os hebreus, para quem a pena capital era o apedrejamento (como no caso de Estêvão -- Atos 7.57,58). No entanto, quando a Palestina caiu sob domínio romano, a cruz foi introduzida como forma de castigo, aplicado a ladrões e malfeitores.

A pena podia ser aplicada nos seguintes casos: assalto, pirataria, sedição, tumulto e falso testemunho. No caso de escravos, uma denúncia por parte do seu senhor (fuga, insulto) era suficiente para a crucificação.

A crucificação era precedida por uma sessão de açoites, após a qual o condenado tinha que carregar a cruz (ou pelo menos a parte de cima) até o lugar da execução, para escárnio e insulto da platéia. No lugar próprio, então, a cruz era levantada. O condenado, inteiramente nu, era amarrado com cordas e depois firmado com três ou quatro pregos à madeira. Algumas cruzes tinham um assento. Por último, um letreiro era afixado com o nome do condenado e seu crime. Os corpos das vítimas eram disputados pelas aves de rapina. Muitas vezes, os condenados não morriam logo (de fome ou sede), mas sobreviviam por vários dias. Para abreviar este sofrimento, os judeus costumavam quebrar-lhes as pernas. Os judeus também costumavam

Israel Belo de Azevedo

permitir que os corpos fossem retirados e enterrados, mas os romanos não o permitiam, a menos que a sentença o determinasse. Este tipo de castigo perdurou até o quarto século. Constantino o aboliu, segundo ele, em memória de Jesus.

Se lermos os quatro Evangelhos, veremos que a crucificação de Jesus seguiu rigorosamente os preceitos legais romanos e práticas judaicas permitidas. As narrativas bíblicas são absolutamente fiéis ao que se conhece a esse respeito na história secular.

Quanto ao uso simbólico, a cruz não tinha nenhum significado que não fosse o original: instrumento de morte., de morte ignominioso. O apóstolo Paulo destacou esta realidade, quando declarou que Jesus, ao se fazer homem, "humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz"(Filipenses 2.8).

No Novo Testamento a cruz era visto, portanto, essencialmente como o instrumento da morte de Cristo. Quando o Cristianismo se tornou a religião oficial, ela começou a adornar os monumentos públicos. Era usado para "santificar" estes monumentos originariamente pagãos. As formas eram estilizadas. Só a partir do século 8, sua representação passou a ser mais

direta. Começou-se até a distribuição de cruzes e lascas de cruzes, algumas das quais chegaram até nós.

Desde então podemos falar num verdadeiro culto à cruz, bem distante do ensino de Jesus e dos apóstolos. Alguns cristãos passaram a considerá-la também um símbolo de proteção e defesa, como se fosse um amuleto, idéia presente na produção e uso de crucifixos, especialmente num país tão animista como o nosso.

A NOSSA CRUZ

Há a cruz de Jesus, a cruz que Ele carregou, a cruz em que morreu para que fossem salvos, a cruz que Ele suportou para que nós não tivéssemos que suportá-la.

1. O fato da cruz

Pela cruz, Ele nos reconciliou e reconcilia com Deus, porque sua morte matou a inimizade que havia entre o homem e o Pai (Efésios 2.16). Na cruz, ele riscou a promissória que havia contra nós, tornando-a sem valor. Este título jamais será protestado contra nós, porque Jesus o cravou na cruz,

como escreveu Paulo: *e havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz; e, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz* (Colossenses 2.14, 15)

Este é o fato da cruz que os regos consideravam totalmente sem sentido, mas cujo sentido é a vida, para todos quantos aceitam esta oferta de paz.

Este é o significado da cruz.

2. O custo da cruz

No texto de Mateus, Jesus acrescenta algo a esta dimensão, ao falar, não da sua, mas da nossa cruz.

O QUE NÃO É CARREGAR A CRUZ -- Jesus nos convida a carregar a nossa cruz. Não se trata da cruz da salvação, porque esta é dEle. É a cruz da confissão do seu senhorio sobre nossas vidas. Não se trata da cruz da autocomiseração. Muitos tomam este desafio de Jesus como se fossem os sofrimentos, privações e provações, que suportamos na vida. Popularmente,

podemos ouvimos, diante de alguma situação difícil, geralmente crônica:

"Esta é a minha cruz" ou "Cada um tem a sua cruz". Cruz não é carma. Cruz é compromisso.

O QUE É CARREGAR A CRUZ -- É outro, pois, o desafio de Jesus. Ele usou a cruz para simbolizar o sofrimento e a morte que seus seguidores deviam estar prontos para padecer, como Ele padeceu. O sacrifício na cruz precisa ser atualizado na vida de cada um. Esta atualização se dá pela

confissão que Jesus é o Salvador (verso 32). Esta confissão significa disposição de carregar a cruz de Cristo. Trata-se de uma expressão simbólica e real.

A expressão é simbólica porque não podemos voltar no tempo e pegar a cruz e seguir após Cristo rumo ao lugar da execução. Não somos chamados para a morte, mas para a vida, vida crucificada na cruz. Quando nos dispomos a carregar a Cruz, passamos a ter a mente de Cristo. O apóstolo Paulo o disse de outro modo: *Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne* [no dia-a-dia da

vida], vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim (Gálatas 2.20).

A expressão é real porque tem um preço, um preço de morte.

Este é o sentido da frase: *Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada (verso 34)*. Seguir a Cristo demanda uma decisão, uma escolha, feita de renúncia e coragem

. Coragem de escolher entre os valores de Deus e os valores deste mundo (verso 32). Não há na cruz a possibilidade de seguir os valores do mundo e os valores de Deus. Muitos não pegam a cruz porque não querem renunciar os valores do século. Preferem assistir a procissão de Jesus e seus seguidores, mas nunca fazer parte dela. Preferem assistir um culto a Deus, sem no entanto cultuar, adorar, verdadeiramente a Deus. O convite de Jesus é outro; é para você se gloriar, se alegrar, se divertir, tão somente na cruz de Cristo. Ela não exclui as coisas que Deus criou, mas as inclui, porque foi Ele quem as fez para nós.

. Coragem de abrir mão das prioridades deste mundo, mesmo que profundamente arraigadas na cultura e na família (verso 34). Jesus não prega contra a cultura nem contra a família. Pelo contrário, ele reafirma a sua indissolubilidade. No entanto, os valores familiares não podem se sobrepor aos divinos. Muitas pessoas se recusam a confessar a Jesus como Senhor e Salvador por imposição familiar. Quando, apesar disto, você confessa a Jesus, sua família se torna seu primeiro campo missionário, a qual você irá com paciência e persistência, vivendo e orando para que Deus alcance a todos.

. Coragem de renunciar aos projetos autocentrados (verso 39). Desde que nos entendemos por gente, temos sonhos a realizar. Estes sonhos são centrados

em nossas visões e nossos desejos. Há pessoas que não têm projetos claros de vida; mas há outros que têm. Em nome desses projetos, são capazes dos maiores sacrifícios. Na caminhada em direção ao alvo, são capazes até de cometer violência. Estes projetos se tornaram deuses em sua vida. Quando Jesus pede que esta pessoa tome a cruz, ela não pode aceitar. Como ficará o meu projeto? Se o projeto for legítimo, Jesus estará nele e vai acompanhar você. Se o projeto não for legítimo, Deus vai inspirá-lo a produzir outro projeto e redirecionar sua vida.

A DECISÃO

Jesus veio trazer paz. Jesus morreu para nos reconciliar com o Pai, mas Ele não nos pode reconciliar se nós não o queremos. O evangelho não é uma brincadeira de roda. É um compromisso de vida. Um culto não é um show; é uma experiência existencial profunda.

A reconciliação já está posta, mas ela exige reciprocidade. Exige ser aceita. É oferecida a cada um de nós, mas precisa de nosso "sim".

Esta reciprocidade tem que ser pública ("diante dos homens"). Não é possível haver um seguidor secreto de Jesus. Não há esta de "eu sigo a Jesus no meu coração; ninguém precisa ficar sabendo". Se sou secreto, é porque

Jesus não é um bem tão precioso assim, que valha até pagar "mico" diante do mundo.

Muitos se escondem atrás de alguns sofismas.

. O sofisma da falta de chamada. "O dia em Jesus Cristo tocar no meu coração, eu vou aceitá-lo". Não. Jesus já tocou no seu coração, quando suportou a cruz por você e por mim. Diga "sim" ao seu convite feito na cruz. Ou você está esperando que Ele morra impossivelmente de novo? Aquele sacrifício foi único. Torne-o único também em sua vida.

. O sofisma da falta de preparo. "Ainda não estou preparado". Há pessoas que não tomam a cruz por causa do cigarro ou qualquer outro vício. Preferem ser eternamente amigas do Evangelho, visitantes permanentes. Seja forte. Dê um chute no vício e venha para a cruz. O que impede de vir para a cruz?

. O sofisma da falta de tempo. "Não tenho tempo para servir na igreja. Eu quero ser crente e me envolver. Quando eu tiver tempo, então vou servir a Jesus". Ponha em primeiro lugar na sua vida Aquele que pôs você em primeiro lugar na vida dele, ao ponto de morrer por você.

Israel Belo de Azevedo

Enquanto você não tomar a cruz, você está brincando de seguir a Cristo.

Seja digno de Jesus (verso 37). Disponha-se hoje a tomar a sua cruz e segui-Lo.

Deixe de negá-lo, embora você não admita que o negue. Apresente-se para ser batizado no nome de Jesus. Apresente-se para servir a Ele por meio desta igreja. Não deixe isto para o próximo milênio.

Israel Belo de Azevedo

10

FAZENDO A FIGUEIRA FLORESCER

(Habacuque 3.17-19)

"Mesmo não florescendo a figueira, e não havendo uvas nas videiras, mesmo falhando a safra de azeitonas, não havendo produção de alimento nas lavouras, nem ovelhas no curral nem bois nos estábulos, ainda assim eu exultarei no Senhor e me alegrarei no Deus da minha salvação.

Israel Belo de Azevedo

O Senhor, o Soberano, é a minha força; ele faz os meus pés como os do cervo; faz-me andar em lugares altos. Para o mestre de música. Para os meus instrumentos de cordas". (Habacuque 3-13:19)

Estamos diante de um dos mais lindos poemas da Bíblia.

Para falar do modo como Deus age conosco, o p(r)o(f)eta Habacuque usa várias imagens.

Esta oração é, sem dúvida, mais que isto, um dos mais candente hinos acerca do cuidado de Deus para conosco. Sua leitura indica bem que Ele não está silencioso, nem ausente diante de nossas experiências.

Na experiência do salmista/profeta, valia a pena confiar nele, mesmo que a figueira não florisse. Mesmo que a nossa vida mergulhe no absurdo, devemos celebrar a presença de Deus.

AS IMAGENS DA AUSÊNCIA DE DEUS

A figueira, no plano vegetal, e a corsa, no plano animal, são duas imagens muito caras na Bíblia e Habacuque as emprega.

A figueira -- A *figueira* é uma árvore mencionada em 31 capítulos da Bíblia. No Israel antigo, a figueira era fonte de segurança (Zacarias 3.10) e descanso (Malaquias 4.4). Sob suas sombras, as pessoas podiam até morar. Houve um tempo, por exemplo, em que "Judá e Israel habitavam seguros, desde Dã até Berseba, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira" (1Reis 4.25). Seu fruto era, junto com a uva, a azeitona e a romã, um

dos sustentáculos da alimentação dos hebreus. O figo aparece junto com o trigo, a cevada, o azeite e mel (Deuteronômio 8.7,8). Dele se faziam doces e remédios. Quando o rei Ezequiel ficou doente, o profeta Isaías lhe prescreveu uma pasta de figos como remédio (2Reis 5.27). A falta do figo era indicação de pobreza e abandono (Ageu 2.19). É daí que vem a imagem utilizada por Habacuque neste salmo (verso 17).

A corsa -- A *corsa* é um animal sempre referido como símbolo de velocidade e habilidade, velocidade para correr nos lugares planos e

habilidade para se deslocar por lugares pedregosos e montanhosos. Há sete referências à corça no Antigo Testamento. Os homens valentes do exército do rei Davi, por exemplo, eram tão velozes com as corças sobre os montes (1Crônicas 12.8). A imagem da corsa aparece claramente no salmo 18.32. Deus é descrito como aquele que me dá força ao cansado e torna reto o caminho difícil. O poeta do livro dos Salmos e o de Habacuque sentem a mesma realidade: Deus é aquele que faz os pés de quem confia no Senhor caminhar com os pés das corças e permanecer firme nos lugares altos.

Outras imagens -- As imagens são usadas num contexto muito adverso. Habacuque estava prestes a experimentar a invasão do reino (do sul) de Judá pelos caldeus (babilônios). Esta invasão era vista (e o era) como a maior tragédia para o povo de Israel. A invasão de fato ocorreu no século 6 a.C., tendo sido Jerusalém tomada por Nabucodonosor no ano 586. Além da figueira, há outras imagens que reforçam a mesma idéia. As circunstâncias que podem alcançar o ser humano são as mais diversas. As tragédias podem acontecer sob formas várias na vida das pessoas. Por isto, o poeta fala em parreiras que não dão uva -- uva que os hebreus usavam como fonte de alimento, prazer e saúde -- e em oliveiras que não dão azeitona -- azeitona

Israel Belo de Azevedo

que os hebreus usavam como fonte de alimento, condimento e prazer. Mais que isto, o poeta radicaliza, ao mencionar a tragédia da falta de comida, com o campo não mais produzindo cereais, frutas e legumes, indispensáveis à sobrevivência, e com os currais vazios de ovelhas e vacas, provocando a falta de carne, com suas proteínas fundamentais para a alimentação.

Forças naturais e forças espirituais -- O problema de Habacuque é o mesmo de qualquer um de nós. Como ele, nos defrontamos com o sofrimento, pessoal ou de outrem. Como ele, sofremos diante da corrupção

moral e política do país. Somos vítimas de todo tipo de violência. Enfim, temos que conviver com múltiplas manifestações do mal. Diante deste quadro, ficamos nos perguntando por que Deus não responde às nossas orações. A figueira e a corsa representam a força do reino natural. A alegria e a exultação representam a força da presença sobrenatural de Deus em nós. Esta alegria e exultação são fundadas em nossa confiança em Deus, no Deus da salvação (18b).

COMO FAZER A FIGUEIRA FLORESCER

1. Devemos olhar para o que Deus já fez conosco (1.5).

Quando o fizermos, veremos que Deus nos respondeu e nos tem respondido. Não devemos olhar emocionalmente para nós mesmos (talvez cheios de autopiedade) e nem desesperadamente para o(s) problema(s) que enfrentamos. Não permitamos que o pânico tome conta de nós. Olhem menos para nós e mais para Deus.

2. Devemos olhar para o que Deus é (1.12)

Quando fazemos isto, descobrimos que:

- . Ele é maior do que nós e nossos problemas. Um belo exemplo é o de Kim: vítima do napalm no Vietname, quando teve seu corpo todo queimado, ela hoje é embaixadora da Unesco, depois de se converter a Jesus Cristo.
- . Ele age em nossas vidas. Sabemos disto por experiência própria.
- . Ele age segundo sua própria economia. E esta é uma de nossas grandes dificuldades: perceber como Deus age. Deus está por trás da história humana no seu controle. Ele aparentemente está passivo, mas ele se move de uma forma misteriosa, segundo a sua economia e não a nossa. Isto não significa

que ele jogue xadrez conosco para nos surpreender. Não há, na verdade, surpresa, mas incompetência de nossa parte em entender seu amor infinito.

A mensagem de Habacuque precisa ser completada com o Evangelho. Como diz John Piper, ela chega perto do coração do evangelho, mas não revela este coração. "O coração do Evangelho é que a justiça exigida por Deus vem pela fé e é possível a nós pecadores porque Cristo morreu por nossos pecados".

Em outros termos, o princípio sobre o qual repousa Habacuque 3.17-

19 está em Habacuque 2.4, segundo o qual o justo vive da/pela fé. Isto é colocar a esperança tão somente em Deus e em mais nada.

Quem é o justo? O justo é aquele que tem fé em Deus. É a fé que salva o homem da condenação por parte de Deus e garante que sua vida será guardada para toda a eternidade.

3. Devemos confiar no amor poderoso de Deus

Mesmo que as tragédias nos alcancem (e elas nos alcançam), devemos confiar em Deus.

Este é tipo de Deus que temos. Ele vê nossos problemas antes que eles nos alcancem. Ele sabe quais serão as conseqüências de todos os problemas.

Ele já fez o principal: salvar-nos. Seu amor não falhará agora. Ele não nos deixará morrer agora.

4. Devemos exultar em Deus e exaltá-lo.

Mesmo na adversidade, devemos exaltar a Deus pelo que está permitindo acontecer conosco. O eco desta instrução ressoa pela boca de

Paulo, quando recomenda: "Regozijai-vos sempre. (...) Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1Tessalonicenses 5.16,18).

Nós somos naturalmente incompetentes para conviver com a adversidade. Quando nos casamos (aqueles que nos casamos), votamos companheirismo na hora da alegria e da tristeza, na fartura e na escassez; no entanto, se a adversidade solidifica o amor de alguns casais, em muitos deles ela simplesmente faz com que o amor jurado no altar desapareça.

A força do cristão está em exultar em Deus, não para que os problemas desapareçam, porque nem sempre desaparecem. Antes, no mundo teremos aflições, promete-nos Jesus Cristo, o mesmo que venceu o mundo e pede que mantenhamos a nossa certeza na sua atuação (João 6.33). Nossa força vem de Deus.

Nós somos naturalmente incompetentes para agradecer a Deus pelas coisas simples da vida, como o alimento na mesa, a cama para o repouso.

11

ENTRE A DOCTRINA E A VIDA

(Provérbios 9.10)

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento”. (Provérbios 9.10)

A história do cristianismo pode ser pensada como uma vitória sobre os reducionismos e sobre os falsos dilemas.

Os reducionismos, internos e externos, pretendem transformar a fé cristã num slogan que caiba num outdoor. Os dilemas, que são também

Israel Belo de Azevedo

reducionistas, propõem resolver problemas internamente criados, pelo que geralmente são falsos.

Essas visões são esquecimentos do conselho sapiencial: o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Provérbios 9.10).

VITÓRIA SOBRE OS REDUCIONISMOS

A história do cristianismo pode ser pensada, portanto, como uma sucessão de vitórias contra os reducionismos, que podemos reduzir (sic!) a quatro, todos anteriores e contemporâneos de Jesus. São eles: o farisaísmo, o essenismo, o zelotismo e o saducismo.

FARISAÍSMO -- Os fariseus se achavam formando uma elite de puros, em função de sua dedicação à Lei mosaica, à qual reduziam toda espiritualidade. Achando-se aceitos por Deus, mais que os outros, porque defensores da Lei, os fariseus eram apaixonados por si mesmos e se exibiam para exibir sua santidade e para chamar os outros ao seu caminho, pois tementes ao Senhor seriam aqueles que aceitassem suas posições e esposassem suas percepções e preferências. Ao seu modo, eles propunham uma volta à Bíblia, volta perdida, porque mediada apenas pela sua

interpretação, que resultava numa espécie de legalismo, tradicionalismo e fundamentalismo.

Este tipo de reducionismo legalista perturbou o ministério do apóstolo Paulo, às voltas com aqueles que queriam subordinar a graça à Lei. Todos os tradicionalismos e fundamentalismos, até hoje sedutores, são filhos do farisaísmo. Os fariseus de hoje estão prontos a apontar os pecados... dos outros e a propor castigos. Decorre daí todo tipo de moralismo, como o puritanismo.

ESSENISMO -- À sua direita estava o essenismo, para o qual a vida na presença de Deus só pode acontecer na ausência do mundo. Os essênios, auto-exilados em comunidades nos desertos e nas montanhas, pretendiam formar um mundo à parte, num estilo de vida que pretendiam próprio. Sua tarefa seria facilitada pelo fato de Deus os ter revelado segredos acerca do cosmo e da correta interpretação da Lei. Eles não se viam como pessoas constituídas por carne e sangue, mas como 'seres celestiais' que levavam uma vida espiritual desprovida de preocupações materiais.

Aliás, parece que Jesus estava advertindo seus seguidores para este perigo, ao pedir ao Pai que nos tirasse do mundo, mandando-os para

comunidades no deserto, mas que os livrasse da corrupção vigente no mundo.

Esta tendência transcendentalista encontrou eco no círculo íntimo dos discípulos, como o ilustrado no desejo de permanecer indefinidamente no alto da Transfiguração. Ao longo dos séculos, inspirou o monaquismo e todas as outras tentativas contraculturais de vivência da fé. No plano teológico, toda a escatologia niilista (que compõe versos como “passarinhos, belas flores, querem me encantar, / oh! vãos, terrestres esplendores não quero aqui ficar”) e todo o redomismo cristão (como o que

garante o dístico de Tertuliano, de que não há "nada mais estranho ao cristão do que a política") devem tributo ao essenismo.

ZELOTISMO -- No extremo oposto estava o zelotismo, com seu reducionismo político, sem a mística cristã, mas como zelo pela Lei mosaica. Este tipo de fanatismo defendia o uso da violência como método para a conquista da libertação do Império Romano. Toda obediência a Roma, incluído aí o pagamento de impostos, era traição a Deus.

Embora falassem no nome de Deus, os zelotes criam menos nele e mais no poder de suas adagas. Sua postura politizada vem acompanhando a história dos cristãos e pode ser representada por todos aqueles que admitem, como corolário da fé, o emprego da força para fins de convencimento e conquista.

Assim, o zelotismo representa a tendência imanentista no cristianismo.

SADUCISMO -- Não menos imanentista é o saducismo. Este reducionismo serve bem para representar as posturas dos cristãos que põem todas as suas forças na lógica e na razão. Todo o esforço para tirar da religião aquilo que ela tem de simbólico e sobrenatural é tributário dos saduceus que, embora aceitassem a Lei mosaica, recusavam os livros proféticos. De igual modo, não criam em anjos e espíritos e rejeitavam terminantemente a possibilidade da ressurreição.

A propósito, esta visão racionalista desarvorou os saduceus, por ocasião da destruição do templo de Jerusalém em 70 A.D. Eles simplesmente

desapareceram com a crise. A ausência da dimensão transcendental foi decisiva.

VITÓRIA SOBRE AS POLARIZAÇÕES

O reducionismo se manifesta também na polarização.

Há polarizações de caráter propriamente teológico, como os de natureza política (o cristianismo é uma religião de renúncia ou de denúncia?), litúrgica (a que deve o culto atingir: a emoção ou a mente?) e missiológica (a

quem pregar: aos judeus ou aos gentios? o Evangelho para a alma ou para o corpo?)

No caso cristão, uma das mais polarizações mais prolíficas é a travada entre os que reduzem o cristianismo à teologia e os que o privilegiam à vida (ou teologia e prática, ou teologia e ministério, ou teologia e moral) que bem poderia ser teologia ou vida (ou também teologia ou prática, teologia ou ministério, teologia ou moral). Em outros termos, à moda Rubem Alves, a polarização pode ser descrita em termos de uma luta entre a supremacia da reta doutrina e a supremacia da reta vida.

Israel Belo de Azevedo

Assim, coloca-se a adesão a um conjunto de afirmações de fé, teologicamente bem formuladas, como estando em oposição à experiência desta fé. Chuta-se a razão em nome da emoção. Os racionalistas acabam achando que as manifestações religiosas carregadas de emoção são inaceitáveis, porque não passam pelo crivo da razão. Os emocionalistas consideram lixo a reflexão teológica, na pressuposição de que ela afasta de Deus.

O INTECTUALISMO DO SÉCULO -- A desconfiança mútua é imensa.

Isso vem dos tempos apostólicos. Paulo foi considerado louco por alguns de seus contemporâneos, por pregar a cruz, que a razão considera(va) uma loucura absoluta (1Coríntios 1.17-2.16). Ainda hoje os sem-fé julgam os com-fé como pessoas insensatas, que renunciaram sua própria inteligência. Eles não conseguem alcançar a máxima antiga de que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Provérbios 9.10).

Contra o preconceito da razão, o único argumento é a própria razão.

Portanto, a tarefa de derrubar raciocínios que se levantam contra o conhecimento de Deus só pode ser levada a cabo com o uso da própria razão,

mas razão cativa à obediência a Cristo (2 Coríntios 10.5), o que não lhe tira absolutamente nada do seu método, mas apenas reorienta o seu objetivo.

Em lugar de legitimar os que acham o cristianismo uma religião para insensatos e iletrados, os cristãos precisam ter em mente o valor do seu discurso, na certeza de que o discurso da fé e o discurso da ciência são duas visões de mundo que se complementam. Uma não esgota a outra. A míngua de uma delas torna o homem menos humano.

À razão quem tem fé, fé em Jesus Cristo como Senhor de todas as áreas da vida, precisa dizer, no discurso da ciência, da tecnologia e da

filosofia, que o conhecimento não abarca a fé, que é uma dimensão importante da experiência humana. Ignorá-la é incorrer em reducionismo, que é a própria negação da verdade.

Os que fazem do conhecimento (científico, tecnológico e filosófico) o seu filtro para ver o mundo devem ser humildes, sabendo que sua apreensão é limitada às suas próprias possibilidades e à natureza cambiante do conhecimento. A verdade científica é verdade naquele momento, até que uma nova hipótese seja formulada e demonstrada, num processo interminável.

Os que fazem da ciência, da tecnologia e da filosofia a sua profissão devem aprender com a fé a dimensão moral das descobertas, dos inventos e das percepções. Sem a dimensão moral, que o cristianismo porta intrinsecamente, todo avanço científico, se transforma em barbárie. Sem

Deus, como disse o personagem de Dostoievsky (em "Os Irmãos Karamazov"), tudo é permitido. Se tudo é permitido, não há civilização, não há progresso.

O NOSSO INTELECTUALISMO -- Esta visão intelectualista está presente também no próprio cristianismo, ele que tem sido vítima desta percepção desde sua gênese. Em nosso meio, ela se apresenta sob diferentes formas.

Uma delas é a afirmação da supremacia da doutrina sobre a vida, com aquela sendo tomada como mais importante do que esta. Para estes racionalistas, a ortodoxia (crença correta, segundo um conjunto previamente estabelecido) vale mais que a ortopraxia (vivência correta, de acordo com os padrões éticos do Novo Testamento).

Outra atitude, muito comum nesta percepção, é a recusa a qualquer expressão espiritual que tenha algum toque de emoção. Um culto, por exemplo, se funda na centralidade da Palavra, que é racional, a partir de uma liturgia rígida, com todos os momentos previamente fixados. No caso batista brasileiro, em função de nossa história recente, há cultos em que expressões bíblicas como "amém" e "aleluia" não são bem-vindos. A ordem do culto a Deus é mais importante do que o Deus a quem se presta o culto.

Há uma grande ênfase, nesta visão, aos credos doutrinários (confissões de fé) e à sistematização das doutrinas. A doutrina é sacralizada,

ao ponto de, no caso brasileiro, se poder falar na existência de um protestantismo da reta doutrina (conforme a classificação de Rubem Alves).

Numa postura mais extremada, pode-se chegar a divinização da instância racional. Há teólogos cristãos que negam a possibilidade da operação do milagre, que fazem uma leitura apenas histórica da Bíblia, tomada como uma coleção de mitos sem qualquer aspecto normativo sobre os crentes contemporâneos, e que recusam na comunidade de fé a liberdade do sopro do Espírito Santo, acorrentado a fórmulas teológicas e litúrgicas tradicionais.

Israel Belo de Azevedo

O ANTIINTELECTUALISMO CRISTÃO -- Como a desconfiança é mútua, entre os cristãos também viceja um visceral antiintelectualismo, que carece de ser combatido com vigor. Sua proposição, sedutora, é a afirmação da supremacia da vida sobre a doutrina. Tudo é reduzido à ortopraxia: a pessoa não precisa conhecer (sua fé), apenas vivê-la.

Neste caso, as emoções são valorizadas, ao ponto de se perder o controle sobre elas. É considerada menor a experiência religiosa que não tiver

a bênção de uma lágrima. Quanto mais dramática for uma conversão, mais genuína ela será, pregam os que valorizam os sentimentos.

Há uma óbvia desvalorização do estudo, colocado como um trampolim para a incredulidade e para a apostasia. As ciências são desprestigiadas e sua sofisticação é apontada apenas como um indício do final dos tempos.

Há várias evidências práticas deste tipo de atitude. Em muitas igrejas o estudo da Bíblia não é levado a sério. Há muitas igrejas onde não há qualquer setor voltado para a educação dos seus membros. Há poucas igrejas

com bibliotecas organizadas, onde os membros podem aprofundar seus conhecimentos, geralmente superficiais.

No caso particular dos batistas, a chamada crise de identidade resulta de uma crise de sua teologia, sempre reprodutora (de idéias boas, mas antigas) e pouco produtora (de idéias novas). A identidade não se faz no ativismo, mas no silêncio da produção teológica. A prática carece de uma orientação... teológica.

A carência teológica provoca ainda uma compreensão clara da missão da igreja e, por conseqüência, da sua estratégia. A missão cristã é

colocar o mundo de cabeça para baixo, inoculando nele, pela palavra e pela vida, a semente do Evangelho, este poder de Deus que transforma. Como alcançar esta meta, se se ignorar o discurso (o do mundo) que se quer mudar? Esta é uma tarefa que não pode ser feita sem o concurso da reflexão teológica, que parte da Verdade para desmascarar as verdades, que precisam ser conhecidas.

RECONEXÃO

Lembrando-nos que os piores dilemas são os falsos dilemas, precisamos reconectar doutrina e vida, que não podem se excluir mutuamente. As igrejas precisam se lembrar que a teologia não é só relevante como fonte indispensável para sua vitalidade. Ao mesmo tempo, as igrejas precisam se lembrar que teologia sem vida (sem o coração abrasado, na expressão de Wesley) é vaidade.

As igrejas precisam de uma teologia que lhes permita estar prontas para explicar sua fé, explicação que se nos é pedida cada vez mais. Há uma guerra contra a fé e a teologia é uma arma que pode ser útil no campo da batalha.

Essa teologia (ou doutrina) precisa entender que seu conhecimento não abarca as ciências, com quem deve aprender e a quem deve ensinar (se, para tal, estiver preparada). A boa teologia, portanto, é humilde, por saber que está sempre em construção e por compreender que as experiências religiosas não são universalizáveis.

Toda doutrina deve derivar da Bíblia Sagrada, para ser legítima. No entanto, se é fato que ela é e contém a verdade, que é imutável, também o é que sua interpretação acerca desta verdade não é imutável.

A fé cristã deve aceitar, e mesmo se rejubilar com elas, diante das descobertas das ciências, que jamais são uma ameaça à verdade. Fé e ciência são, como ensina Alan Richardson ("Apologética Cristã"), dois trilhos de uma linha de trem. Como as retas paralelas, jamais se encontram. Se se aproximarem ou se afastarem, além dos limites, o trem descarrila.

O Espírito que habita no crente não apenas o regenera, mas também o move em direção à maturidade. Há (ou pelo menos deveria haver) uma clara conexão entre o longo processo de santificação e a árdua tarefa do desenvolvimento teológico. Quando Espírito habita em nós com toda a

plenitude, ele nos conduz a uma clara compreensão da teologia, a qual nos habilita a confrontar o espírito de nossa época.

O dilema entre doutrina vida ou razão e emoção é, portanto, falso. A afirmação da sua existência não interessa ao cristianismo. O desequilíbrio entre conhecimento e graça, entre intelecto e sentimento, é uma tendência que os que têm fé no Senhor da emoção e da razão devem rejeitar.

Israel Belo de Azevedo

12

EM BUSCA DA FELIZ IDADE

(2Timóteo 4.6-18)

"Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida. Está próximo o tempo da minha partida.

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé.

Israel Belo de Azevedo

Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda.

Procure vir logo ao meu encontro, ois Demas, amando este mundo, abandonou-me e foi para Tessalônica. Crescente foi para a Galácia, e Tito, para a Dalmácia. Só Lucas está comigo. Traga Marcos com você, porque ele me é útil para o ministério. Enviei Tíquico a Éfeso. Quando você vier, traga a capa que deixei na casa de Carpo, em Trôade, e os meus livros, especialmente os pergaminhos.

Alexandre, o ferreiro, causou-me muitos males. O Senhor lhe dará a retribuição pelo que fez. Previna-se contra ele, porque se opôs fortemente às nossas palavras.

Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram. Que isso não lhes seja cobrado.

Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças, para que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e todos os gentios a ouvissem. E eu fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará de toda obra maligna e me levará a salvo para o seu Reino celestial.

A ele seja a glória para todo o sempre. Amém". (2Timóteo 4.6-18)

Israel Belo de Azevedo

Sabemos que a chamada Terceira Idade é um dos fenômenos mais interessantes do século 20, por força da melhoria da qualidade de vida da população, inclusive a brasileira.

Esta é uma carta de um idoso para um jovem. Quem fala é Paulo, o velho (Filemon 9). O apóstolo estava, quando a escreveu, na faixa dos 60 anos. Timóteo, quando a recebeu, tinha pouco mais de 30 anos e era seu colaborador havia uns 15 anos.

Há um tom de desânimo nos versos 9-18, mas o objetivo de Paulo, do alto de 30 anos de ministério, é instruir a Timóteo, tratado como uma espécie de sucessor/continuador de sua obra, à qual tinha dedicado 30 anos de sua vida.

Portanto, o capítulo 4 é um texto de alto conteúdo humano, por isto mesmo útil para todas as idades, especialmente a Terceira.

PAULO, UM IDOSO CARENTE (versos 9-16)

Paulo, que em outro texto se chama a si de velho, está diante de uma situação de aflição, marcado especialmente pela solidão, solidão decorrente de seu trabalho missionário.

Sozinho, no calabouço, ele medita sobre sua presente condição. No retrospecto de sua vida recente, ele reflete sobre o que lhe falta na vida.

As memórias de Paulo são memórias de:

. tristeza e mesmo de amargura, diante da infidelidade e da resistência de alguns ao seu ministério. Entre suas tristezas, está a perda de Demas, que fora seu auxiliar, mas que o abandonara (verso 10), o comportamento de Alexandre, que o denunciou (verso 14) por pregar o Evangelho, e a enfermidade de Trófimo (verso 20). Seu sentimento agora era de desamparo e profunda solidão (verso 16), como, por vezes, sentem as pessoas idosas.

. saudade, diante das separações necessárias decorrentes do trabalho e mesmo da natureza da vida. Ele sentia falta de pessoas e coisas. O próprio

Timóteo (verso 9), destinatário da carta; Crescente, Tito e Tíquico, tiveram que ir para outros campos missionários (verso 10b; 12). Entre as coisas que lhe eram caras, ele sentia falta da sua capa, que lhe protegeria do frio iminente, e os livros, cujos conteúdos desconhecemos (verso 13). A equipe missionária estava em ação e isto era doloroso, conquanto necessário.

. alegria, diante da companhia graciosa de Deus (versos 17-18), pelo valor das amizades (como a de Marcos, verso 11, o mesmo com quem tivera problemas tempos atrás (Atos 15.39). Apesar das memórias amargas, Paulo estava feliz

por sentir o que sentiu: "o Senhor esteve ao meu lado e me fortaleceu, para que por mim fosse cumprida a pregação, e a ouvissem todos os gentios; e fiquei livre da boca do leão, e o Senhor me livrará de toda má obra e me levará salvo para o seu reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre" (versos 17-18).

Paulo precisava de amigos, agasalhos e livros. Embora tivesse o amor de Jesus, precisava do afeto das pessoas; embora tivesse o calor da graça de Deus, precisava de roupas quentes para seu corpo; embora tivesse a

iluminação de Deus, precisava de livros para se instruir mais acerca de Deus e do mundo. "Não é falta de espiritualidade", diz Sttot, admitir que carecemos deste tipo de realização. Não precisamos nos julgar superpessoas, inatingíveis pelas situações da vida. A graça não nos desnatura (como lembra Moule).

Como Paulo, devemos:

. buscar a convivência com outras pessoas. Paulo buscava, mesmo diante das decepções. Não se fechou em si mesmo, porque muitas (a maioria, este era o seu sentimento) o abandonaram.

. cuidar da saúde. Como o frio estava próximo de chegar, ele queria se proteger. Ele, portanto, procurou cuidar de sua saúde.

. ler bons livros. Paulo não podia ficar sem os seus livros. Por isso os pediu, solicitando que Timóteo viesse logo.

PAULO, UM IDOSO CONFIANTE (versos 6-8)

O Paulo carente é um Paulo crente.

Paulo era um homem perto do seu fim

Mesmo ciente do que lhe aguardava, ele mantinha sua certeza de fé em Deus por meio de Jesus Cristo.

Ele se oferecia, neste momento final de sua jornada, para ser derramado como libação (verso 6a), vinho que era derramado na base do altar como oferta a Deus (como prescreve o Pentateuco). Paulo sabia que sua partida (morte) esta próxima (verso 6b). Ele diz então, em outras palavras: "estou levantando acampamento; estou recolhendo minha barraca; estou soltando o bote das amarras (para amarrá-lo em outro porto, porto seguro, de destino certo)". Afinal, o fim desta vida é começo de outra.

Israel Belo de Azevedo

Paulo tinha combatido o bom combate (verso 7a). Ele tinha participado da grande luta da arena da vida, numa alusão à luta romana. Paulo é o soldado de Cristo, o combatente da causa de Jesus. (Ao livro que preparei sobre o pastor Soren, da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, dei o seguinte título: "João Filson Sorem, o combatente de Cristo").

Paulo tinha completado a carreira (verso 7b). Ele tinha terminado sua carreira de missionária, responsável por levar o Evangelho a praticamente todo o mundo conhecido de então, junto com seus colaboradores. Ele, que tinha dito que seu projeto de vida era completar o ministério (Atoa 20.24), tinha-o conseguido. Paulo é o atleta, que participa de uma corrida olímpica. É

fácil começar uma corrida (garra total), mas o difícil é levá-la até o fim. Ele o fez.

Escrevendo aos coríntios, o apóstolo usam imagens semelhantes:

Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só é que recebe o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. E todo aquele que luta, exerce domínio próprio em todas as coisas; ora, eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como indeciso; assim combato, não

como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à submissão, para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ficar reprovado"(1Coríntios 9.24-27).

Paulo tinha guardado a fé (verso 7c). Ele tinha mantido a fé no seu Senhor. Quantos, olhemos ao nosso redor, não mantiveram a fé! Paulo guardou o tesouro. Paulo é o vigia de um grande tesouro. Poderíamos compará-lo ao segurança do carro que transporta valores.

Agora, então, aguardava a coroa da justiça (verso 8a). Esta coroa era uma grinalda, feita de folhas verdes e entregue aos vencedores nos jogos gregos, como predecessoras das medalhas olímpicas de hoje. A coroa aqui é a coroa da justificação, isto é, da aprovação por Deus, imagem cara a Paulo, que espera a morte sob Nero. Não se trata de uma coroa de obras, mas coroa que evidencia a justificação.

Este prêmio não era só, mas era/é de todos quanto amam a vinda de Jesus (v8b). A expressão faz um contraponto com quem ama sua própria vida. A terceira idade é a época em que já se aprendeu esta diferença. Amar a

vinda de Jesus não é odiar esta vida. É colocar Jesus como princípio e fim da vida, cujo fim é o louvor da glória de Jesus, e não a auto-exaltação.

Este deve ser o projeto de cada um de nós.

Os mais jovens devem olhar para os velhos da igreja como aqueles que combateram o bom combate, sabendo que o combate por Cristo é um combate bom.

Os mais fortes devem olhar para os velhos da igreja como aqueles que completaram a sua maratona, sabendo que o ministério (somos todos ministros de Deus) é uma excelente obra.

Os mais novos devem olhar para os velhos da igreja como aqueles que mantiveram a sua fé e se comprometer a chegar, com eles, à mesma fidelidade.

Os da feliz idade devem procurar viver de modo que sejam um exemplo, não apenas pela idade, mas pelo testemunho de vida.

Vocês devem ser imitados. Vocês precisam ter algo a ser imitado. Se viverem assim, serão guias, a serem imitados (Hebreus 13.7).

13

QUEM PRODUZ O MAL?

(Isaías 45.7)

"Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater nações diante de sua face, e descingir os lombos dos reis; para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão; eu irei adiante de ti, e tornarei planos os lugares escabrosos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro.

Israel Belo de Azevedo

Dar-te-ei os tesouros das trevas, e as riquezas encobertas, para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chamo pelo teu nome. Por amor de meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamo pelo teu nome; ponho-te o teu sobrenome, ainda que não me conheças. Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cinjo, ainda que tu não me conheças.

Para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. "Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu sou o Senhor, que faço todas estas coisas. Destilai vós, céus, dessas alturas a justiça, e chovam-na as

nuvens; abra-se a terra, e produza a salvação e ao mesmo tempo faça nascer a justiça; eu, o Senhor, as criei.

Ai daquele que contende com o seu Criador! o caco entre outros cacos de barro! Porventura dirá o barro ao que o formou: Que fazes? ou dirá a tua obra: Não tens mãos? Ai daquele que diz ao pai: Que é o que geras? e à mulher: Que dás tu à luz? Assim diz o Senhor, o Santo de Israel, aquele que o formou: Perguntai-me as coisas futuras; demandai-me acerca de meus filhos, e acerca da obra das minhas mãos.

Eu é que fiz a terra, e nela criei o homem; as minhas mãos estenderam os céus, e a todo o seu exército dei as minhas ordens. Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade, e libertará os meus cativos, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos exércitos.

Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu, não a criando para ser um caos, mas para ser habitada: Eu sou o Senhor e não há outro.

Não falei em segredo, nalgum lugar tenebroso da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me no caos; eu, o Senhor, falo a justiça, e proclamo o que é reto". (Isaías 45.1, 3, 6, 9, 11, 18, 19 -- Imprensa Bíblica Brasileira, versão corrigida)

O PROBLEMA

Diante de nossa perplexidade diante do mal, deparamo-nos com a afirmação bíblica de que Deus criou o mal.

PRIMEIRA RESPOSTA: O TEXTO E SEU CONTEXTO

A regra essencial para se entender um texto é este: o seu contexto (o que vem antes e depois no texto) tem que ser lido com igual cuidado.

Toda vez que se defrontar com um texto difícil, leia em torno do texto. Muitas respostas poderão ser encontradas.

Este texto se aplica a um contexto específico. O povo de Israel estava vivendo no cativeiro, mas especificamente na Pérsia, de que Ciro era o rei.

Deus, pela boca de Isaías, o chama de Messias do povo de Israel, enviado para libertar Israel. Deus age de modo estranho, para salvar seu

povo. Deus iria usar Ciro, mesmo que o rei não tivesse ciência disto. Nesta passagem, o Senhor mostra que está no comando da história.

Especificamente no verso 7, Ele se apresenta como aquele que forma a luz e cria as trevas. Ciro e seu povo seguiam ao filósofo Zoroastro, que ensinava o dualismo. O deus da Luz tinha um inimigo: o deus das Trevas. É por que lavé diz que criou tanto a luz quanto as trevas. Em outras palavras, Ele criou tudo.

Na segunda parte do verso, Deus vai mais além. Há várias versões e uma só afirmação: *eu faço a felicidade e crio a desgraça; eu faço a*

prosperidade e crio o desastre (NVI); eu formo a felicidade e crio a tristeza (CEV); eu gero bem-estar e formo a calamidade (NASB); eu faço a paz e crio o mal (IBB-MMan, ASV, JPS, etc.).

Podemos encerrar a primeira resposta, com a seguinte síntese: o povo de Israel (e nós também) precisava aprender de uma vez por todas que Deus está no controle da história. A história não é uma nau desgarrada, nem um avião sem piloto.

Assim, tudo o que existe, seja bom ou seja ruim, acontece pela permissão de Deus.

E atenção: Ele cria o mal, mas não o mal do pecado; o mal que Ele cria é o mal da conseqüência do pecado.

O mal de o povo estar no exílio foi indiretamente feito por Deus e diretamente realizado pelo homem com sua desobediência.

SEGUNDA RESPOSTA: A FONTE DO MAL

O tema pede que nos aprofundemos um pouco mais, especialmente diante da pervasividade do mal. Possivelmente hoje mesmo cada um de nós aqui tenha visto uma manifestação do mal. Ele está em todos os lugares.

1. Deus como fonte do mal

Em certo sentido, Deus é a fonte do mal.

. Ele é o Senhor de todas as coisas. O mal acontece no território dEle, que é o cosmo e a história. Quando o mal acontece, Deus está sabendo e permitindo que ele aconteça.

. Ele permite o mal, para que se alcance o bem. No caso do convívio de Israel com os povos vizinhos, o mal sobre esses povos era bem para Israel e, a partir

daí, bem para toda a humanidade. A morte de Jesus Cristo foi um mal, necessário para a salvação da humanidade.

. Ele permite o mal, para que o homem permaneça livre. Ele não intervém porque o homem é livre e senhor do seu próprio destino, inclusive o destino da desobediência e suas conseqüências.

. Ele permite o mal, para nos ensinar. Deus não nos manda o mal para nos ensinar, mas permite que nos sobrevenha com fins pedagógicos.

2. O homem como fonte do mal

Em certo sentido, o homem é a fonte do mal.

. O mal é uma produção humana que afronta o projeto de Deus. No caso do povo de Israel, Deus é o criador do mal no sentido de que colocou os valores a serem vividos e o povo não os seguiu. Ao não os seguir, fez mal a si mesmo. Neste sentido, a origem primeira do mal é o próprio Deus, mas a responsabilidade por ele cabe ao homem.

. O mal é uma consequência da decisão humana de recusar voluntariamente a Deus (a natureza decaída ou carecida da graça de Deus - Romanos 3.23) e os seus caminhos.

. O mal está arraigado na natureza humana, no plano pessoal e no plano estrutural. Este mal só pode ser desarraigado pela conversão individual e estrutural. O indivíduo corrompe a sociedade, que corrompe o indivíduo.

. O mal é o resultado do erro, como, por exemplo, erro de criação (como num processo político para erradicar uma etnia -- no caso, judaica --, a exemplo do nazismo), erro de decisão (como a de uma empresa que decide demitir a maioria dos empregados em nome da sua sobrevivência), erro de operação (como numa cirurgia, em que os médicos falham involuntariamente) e erro de avaliação (como numa ultrapassagem imprudente, que pode provocar a morte do culpado e do inocente). Todos estes erros trazem conseqüências

para os que erraram (e seriam justas) e para os que não erraram (e seriam injustas).

. Nós temos que conviver com mal, com o nosso próprio mal, que nos atinge e atinge os outros.

TERCEIRA RESPOSTA: O CONSOLO DE DEUS

Diante da realidade pervasiva do mal, nossas atitudes devem ser:

. Ver se nós mesmos, direta ou indiretamente, não provocamos o mal.

. Buscar entender racionalmente (pela Bíblia e pelo pensamento) as facetas do mal. Reconhecer que não podemos entender tudo. Não há problema em perguntar; o equivocado é contender (disputar no tribunal) com Deus, pois somos cacos entre cacos de barro (Isaías 45.9). Não podemos entender sempre porque Deus permite que algumas manifestações do mal nos alcancem.

. Orar para que Deus nos livre do mal. Jesus pediu que o mal de Getsemani lhe fosse impedido. Paulo orou para o mal, provocado por espinho, lhe fosse retirado. Eles não foram libertos do mal, mas venceram o mal; Jesus, pela ressurreição; Paulo, pela presença da graça em sua vida.

. Buscar o bem, não o mal. *Buscai o bem, e não o mal, para que vivais, e assim o Senhor dos Exércitos, estará convosco, como dizeis. Aborrecei o mal, e amai o bem, e estabeleceu o juízo na porta* (Amos 5.14-15).

. Transformar o mal em bem. Este é um dos sentidos de Romanos 8.28: *Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam Deus.*

. Acreditar que o mal não nos pode derrotar. Nossa história terá, como a de Jó, um final feliz. Na vida dele e na nossa, Deus é o Senhor. Eis como termina a história de Jó (Jó 41.11-15).

Então vieram ter com ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa; condoeram-se dele, e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado; e cada um deles lhe deu uma peça de dinheiro e um pendente de ouro.

E assim abençoou o Senhor o último estado de Jó, mais do que o primeiro; pois Jó chegou a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas.

Também teve sete filhos e três filhas. E chamou o nome da primeira Jemima, e o nome da segunda Quézia, e o nome da terceira Quéren-Hapucue. E em toda a terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos.

Depois disto viveu Jó 140 anos, e viu seus filhos, e os filhos de seus filhos: até a quarta geração. Então morreu Jó, velho e cheio de dias.

Não sabemos o que Deus fará conosco. Pode ser que ele faça como fez a Jó. Pode ser que faça diferente. Não importa. O importante

é cremos nele como Jó cria (Jó 19.23-27): *Oxalá que as minhas palavras fossem escritas! Oxalá que fossem gravadas num livro! Que, com pena de ferro, e com chumbo, fossem para sempre esculpidas na rocha! Pois eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida esta minha pele, então fora da minha carne verei a Deus; vê-lo-ei ao meu lado, e os meus olhos o contemplarão, e não mais como adversário. O meu coração desfalece dentro de mim!*